

IX Colóquio de Zoologia Cultural



“VEJO BICHOS EM TODA PARTE”

Livro do Evento – vol. 2 ABERTURA E TEMAS LIVRES

21 de dezembro de 2024

Evento no YouTube @coloquiodezoologiacultural7723

IX Colóquio de Zoologia Cultural



Livro do Evento – vol. 2 ABERTURA E TEMAS LIVRES

Editores do livro:

Luci Boa Nova Coelho

Departamento de Zoologia
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

Departamento de Zoologia
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO)



Organizadores do evento

Prof. Dr. **Elidiomar Ribeiro Da-Silva**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural - LABEUC

Dra. **Luci Boa Nova Coelho**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Instituto de Biologia - IB

Responsáveis por:

Produção gráfica e divulgação em **A Bruxa** (www.revistaabruxa.com)
Luci Boa Nova Coelho

Divulgação nas redes sociais e lançamento no YouTube (@coloquiodezoologiacultural7723)
Elidiomar Ribeiro Da-Silva



Revisão ad hoc

Aline Fernandes Baffa - UNIRIO

Aline Silva Dejosi Nery - UFRJ

Anunciata Cristina Marins Braz Sawada - Fiocruz

Eraldo Medeiros Costa Neto - Universidade Estadual de Feira de Santana

Elaine Della Giustina Soares - Univ. Federal da Integração Latino-Americana

Elidiomar Ribeiro Da-Silva - UNIRIO

Filipe Augusto Gonçalves de Melo - Universidade Estadual do Piauí

Francine Novais Souza - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Higor Tomaz Teixeira de Castro - Museu Ciência e Vida

Luciana Barboza Silva - Universidade Federal do Piauí

Luci Boa Nova Coelho - UFRJ

Ludimila Calheira Laurindo - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Maria do Carmo Pereira dos Santos Tito - SEDUC do Estado do Tocantins

Suellen da Silva Santos - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Vinícius de Menezes Estrela Santiago - UNIRIO

Virgínia Codá - Fiocruz

Waldiney Cavalcante de Mello - UERJ

O conteúdo dos resumos aqui apresentados é de inteira responsabilidade dos autores



E o Colóquio de Zoologia Cultural segue mostrando que o sarrafo está cada vez mais alto no que se refere às possibilidades temáticas dos trabalhos - progressivamente mais incríveis, criativos, inusitados e interessantes. Nesta edição, como de hábito, temos um cardápio completo variando do pop, como HQs, animês, games, filmes e séries de TV, à cultura popular, como lendas, fábulas, cantigas e crendices, passando por assuntos de grande significado histórico e social, como inclusão e representatividade. Tudo, é claro, mediado pelo reino animal.

De início, tínhamos pensado em uma edição de 2024 simplificada e, para tal, estipulamos o limite de vinte trabalhos, como havíamos feito na edição passada. Mas, novamente como no ano passado, extrapolamos tal número. Só que, aí sim contrariando a edição 2023 do evento, acabamos aceitando mais que o dobro de submissões. Assim, ao final dos procedimentos avaliativos, o IX Colóquio de Zoologia Cultural ficou constituído por 42 incríveis temas livres, dentro da nossa já corriqueira diversidade de ideias. Afinal, poucas coisas podem ser mais inclusivas que a associação entre zoologia e cultura. Dentre os bichos que marcam presença nas páginas que se seguem, tem cachorro e gato, integrantes fáceis de qualquer lista de zoologia popular. Mas também outros mamíferos, além de aves, cobras, lagartos, anfíbios, peixes, insetos e aracnídeos. Tem bichos de todos os tipos e para todos os gostos – tem até protozoários, que ao pé da letra sequer são bichos, embora classicamente incluídos nas cadeiras de zoologia.

Um detalhe que deve ser destacado é que, embora o Colóquio de Zoologia Cultural seja um evento acadêmico, está super aberto à participação todas e todos. E, com felicidade, tivemos a preciosa presença de estudantes rede básica de ensino, inclusive com apresentação de trabalhos. Agradecemos demais aos professores que incentivaram isso. Como se diz agora, “é sobre isso!”

Fechando o ciclo do evento, apresentamos aqui o segundo livro de conteúdo, dessa feita composto pelos temas livres. (No volume 1 já publicado, está o Varal Cultural, com toda a sua beleza artística.) Se você gostou particularmente de algum resumo, considere dar uma olhada na apresentação no YouTube. E, melhor ainda, compartilhar para que geral veja também.

Os links gerais lá no YouTube são:

- **Canal do Colóquio de Zoologia Cultural:** @coloquiodezoologiacultural7723
(A propósito, já se inscreveu no canal e acionou o sininho de notificações?)
- **Playlist específica do IX Colóquio de Zoologia Cultural:** <https://youtube.com/playlist?list=PLVk9Yf7CmhR0jCcklyUnY94E65MrOqh65&si=F0sAZlrT0xHGIS1o>

Para mais informações, visite nosso veículo oficial, a revista **A BRUXA** - www.revistaabruxa.com. Aproveite e veja os artigos e livros publicados lá. Você vai gostar do conteúdo, isso é pule de dez (só para usar uma expressão que tem a ver com bicho...)

Torçamos por um 2025 melhor.
Com mais ciência, cultura, bichos, amor e esperança.
Organização do IX CZC



Aberturapág. 7

Resumos e pôsteres

Trabalhos apresentados sob a forma de pôster.....pág. 13

Resumos e capturas de tela da apresentação

Trabalhos apresentados em vídeo narrado.....pág. 31

Zoologia cultural: do novo dirigente do Flamengo à doninha amazônica em extinção

Não é segredo para ninguém aqui que, na nossa visão, todos os assuntos podem levar aos bichos e à ciência que os estuda, a zoologia. Afinal, os integrantes do reino animal são uma presença simbólica marcante em todas as manifestações da cultura humana – sendo nós mesmos, é claro, integrantes desse grande e interessante grupo taxonômico. Isso é a base da zoologia cultural (DA-SILVA & COELHO, 2016, 2022; DA-SILVA, 2018, 2022) e, naturalmente, o princípio que norteia o nosso evento.

Na fala de abertura do IX Colóquio de Zoologia Cultural*, no YOUTUBE, não resisti e dei um exemplo simplório de como se pode usar um fato qualquer para se chegar à zoologia e, com isso, contextualizar essa ciência, cativar o público não-acadêmico e até mesmo buscar engajamento ou, pelo menos, simpatia à causa da preservação da biodiversidade. No exemplo em questão, tudo começa com o futebol, mais precisamente o clube de meu coração rubro-negro, o Flamengo.

Quando se chega nesta época de fim de ano, os brasileiros que gostam de futebol masculino ficam meio que órfãos de jogos por aqui, posto que clubes e atletas estão em período de férias e não há competições oficiais. Aí a expectativa do torcedor fica concentrada nas especulações sobre novas contratações para a temporada que terá início em janeiro de 2025, com os campeonatos estaduais. Especificamente com relação ao Flamengo, o que tem chamado atenção é a contratação de um novo dirigente, o português José Boto. Só pelo sobrenome do sujeito eu já gostei de cara, assim como gosto de tantos e tantos nomes familiares que fazem menção a animais ou outros elementos da natureza. Os meus mesmos são desse time, pois “Ribeiro” vem de rio e “Silva”, de floresta. Mais bacana ainda é o sobrenome da coorganizadora do evento, a Luci, que, assim como o Boto, tem sobrenome de bicho: “Coelho”. Pensando bem, dei um tremendo mole, pois ao me casar com ela eu tinha que ter adotado o sobrenome zoológico. Tive a chance que minha linhagem familiar não me deu, mas desperdicei, fazer o quê...

Voltando ao Boto português, o nome é perfeito para o Brasil, pois é o mesmo de alguns dos nossos bichos mais icônicos em termos de cultura popular, podendo ser associado aos amazônicos *Inia geoffrensis* (de Blainville, 1817) (Cetacea: Iniidae), o boto-rosa ou boto-branco, e *Sotalia fluviatilis* (Gervais & Deville, 1853) (Delphinidae), o tucuxi. Como nas redes sociais muita coisa acaba virando meme, já há muitas piadas brincando com o nome do dirigente, quase todas alusivas à folclórica fama de conquistador amoroso, mais no caso do boto-rosa. Adicionalmente, além de protagonizarem lendas de destaque do folclore, especialmente no Norte do Brasil, os botos são personagens de uma interessante manifestação cultural em Alter do Chão, distrito do município de Santarém, no Pará. É lá que ocorre, sempre em setembro, a Festa do Sairé (ou Çairé), em louvor ao Divino Espírito Santo, com destaque para a Batalha dos Botos, em que dois grupos, cada um defendendo o seu cetáceo favorito, entram em uma disputa

*<https://youtu.be/bT6lOseaiFU?si=OS1QaKncVhwRaTQq>

animada e festeira, de modo semelhante ao que acontece com os Bois do Festival Folclórico de Parintins, bem mais famoso (COELHO, 2020). Pelo amor de todos os encantados da Amazônia, alguém tem que levar o José Boto para participar da edição 2025 da Festa do Sairé!

Brincadeiras sobre o nome do cara à parte, a real é que eu nunca tinha ouvido falar nele e, curioso para saber se o Flamengo estaria fazendo um bom negócio, dei uma busca básica no GOOGLE, me deparando com uma notícia do jornal português RECORD mostrando a foto oficial de José Boto (Figura 1) quando de sua apresentação no clube anterior, o NK Osijek, da Croácia (DUARTE, 2024).



Figura 1. *Print* do jornal RECORD falando sobre a chegada de José Boto ao NK Osijek (fonte: DUARTE, 2024), à esquerda, e escudo do clube croata (fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/NK_Osijek), à direita.

Como não sou lá muito entendedor do futebol croata, desconhecia completamente o tal do Osijek, mas seu escudo chamou muito a minha atenção por incluir a silhueta de um bicho. Quem gosta minimamente de zoologia percebe logo se tratar de um integrante da família dos mustelídeos (Mustelidae), pertencente à ordem dos carnívoros (Carnivora). É um daqueles predadores muito pequenos e esguios, um conjunto de espécies conhecidas em português como doninha, arminho, fuinha e marta. Bom, independentemente da espécie - creio eu ser uma fuinha, *Martes foina* (Erxleben, 1777) -, é muito legal ver um desses bichinhos simbolizando um clube de futebol, não pela presença no escudo, mas também como mascote (Figura 2).

NK Osijek upitao navijače: Imate li dobru ideju za ime naše maskote?

Pitanje za navijače bijelo-plavih: "Kako se zovem?"

MI OBIČNI LJUDI | RITAM GRADA

Objavljeno 08.10.2021
Ivona Amidžić



<https://osijeknews.hr/nk-osijek-upitao-navijace-imate-li-dobru-ideju-za-ime-nase-maskote/>

NK Osijek perguntou aos fãs: "Vocês têm uma boa ideia para o nome do nosso mascote?"



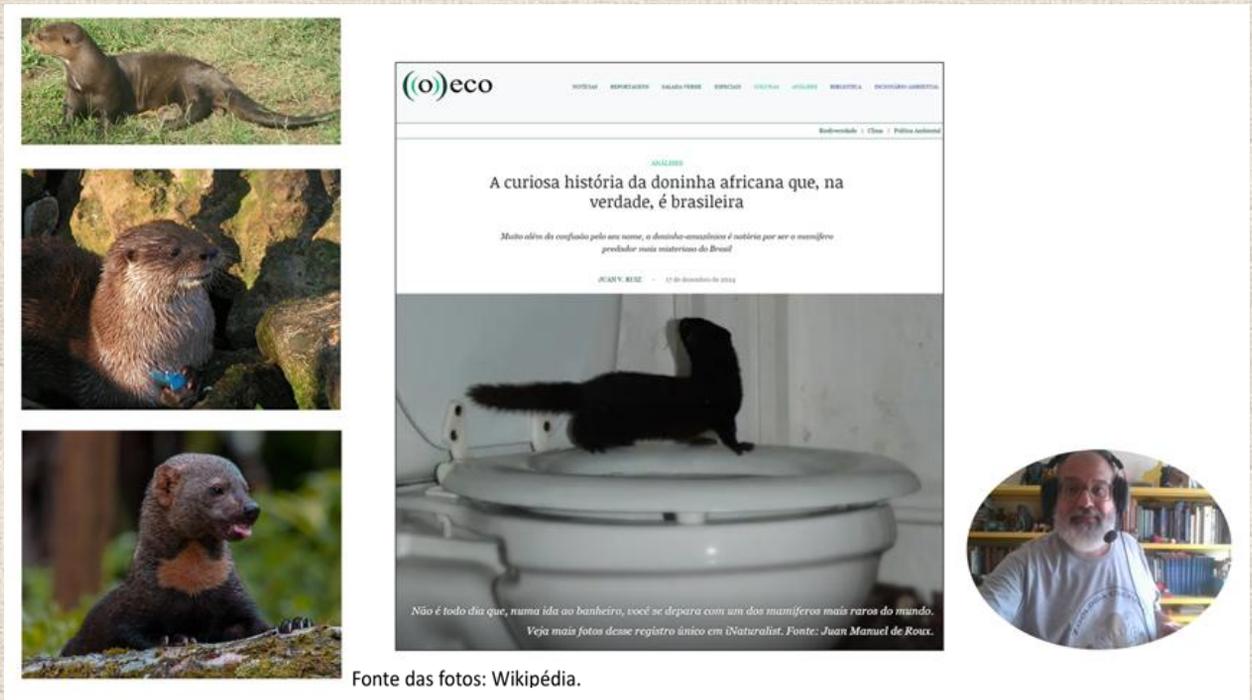
Fonte das fotos: Wikipédia.



Figura 2. Prints do vídeo de abertura do IX Colóquio de Zoologia Cultural no YouTube, falando sobre a enquete feita pelo NK Osijek para que seus torcedores escolhessem o nome do mascote (conforme dito por AMIDŽIĆ, 2021) e mostrando alguns integrantes da família Mustelidae – da esquerda para direita: doninha-anã, fuiinha, glutão (acima), texugo-europeu e furão-bravo (abaixo).

Assim, com base na contratação de um dirigente para um clube de futebol, é possível se falar sobre essa interessante família, que, com cerca de 55 espécies descritas, é a maior da ordem dos carnívoros. Dá para se falar, por exemplo, do gênero *Mustela* Linnaeus, 1758, que, com treze espécies, inclui as doninhas, os furões, os tourões, o vison e o arminho; da já mencionada fuinha, integrante do gênero *Martes* Pinel, 1792, que, com nove espécies, inclui também a marta e a zibelina; do *Gulo gulo* Linnaeus, 1758, o glutão, carcaju ou *wolverine*, gigante da turma e que deu nome ao famoso mutante de garras de adamantium da Marvel Comics; e do gênero *Meles* Brisson, 1762, o dos três texugos euroasiáticos.

Com apenas seis espécies de ocorrência registrada no Brasil, os mustelídeos são relativamente pouco conhecidos por aqui. Nossos representantes dessa família são a ariranha, *Pteronura brasiliensis* (Gmelin, 1788), também chamada de onça-d'água ou lontra-gigante; lontra-neotropical, *Lontra longicaudis* (Olfers, 1818), também chamada de lobinho-de-rio ou lontrinha; a irara, *Eira barbara* (Linnaeus, 1758), também chamada de jagupapé ou papa-mel (Figura 3); o furão-grande, *Galictis vittata* (Schreber, 1776), também chamado de furdo ou aracambé; o furão-pequeno, *Galictis cuja* (Molina, 1782); e a pouco conhecida doninha-amazônica, *Neogale africana* (Desmarest, 1818), também chamada de lobinho-d'água.



Fonte das fotos: Wikipédia.

Figura 3. *Print* do vídeo de abertura do IX Colóquio de Zoologia Cultural no YOUTUBE, mostrando alguns integrantes da família Mustelidae, à esquerda - do alto para baixo: ariranha, lontra-neotropical e irara -, e, à direita, matéria de (o)ECO sobre a doninha-amazônica (fonte: RUIZ, 2024).

Sobre essa última, há algumas curiosidades, a começar pelo fato de poucos saberem haver uma espécie de doninha com ocorrência no Brasil. Mas também chama atenção o epíteto

específico, *africana*, que evidentemente seria alusivo à África, embora o bicho seja natural de Equador, Peru, Bolívia e Amazônia brasileira (BERNAL-HOVERUD *et al.*, 2024).

Segundo RUIZ (2024), a confusão relativa ao nome dessa rara doninha é devida a um erro cometido durante sua descrição formal. A então espécie *Mustela africana* foi descrita em 1818 pelo zoólogo francês Anselme Gaëtan Desmarest (1784 - 1838), no Museu de História Natural de Paris (*Muséum National d'Histoire Naturelle*), com base em exemplar que portava uma misteriosa etiqueta indicando “Afrique”, daí o motivo do nome. Décadas depois, descobriu-se que a procedência correta é “los arrabales de Belem, la antigua Pará”. Mais de dois séculos depois da descrição original, continua se sabendo muito pouco sobre a espécie, que passou recentemente a ser classificada no gênero *Neogale* Gray, 1865 (PATTERSON, 2021), tem pouquíssimos registros fotográficos e parece ser extremamente rara (RODRIGUES, 2013).

Em resumo, a presente brincadeira textual foi meramente para mostrar que é possível se começar falando sobre a contratação de um profissional português para atuar na gestão de um clube de futebol brasileiro e, de modo concatenado e sequencial, finalizar abordando uma espécie em possível risco de extinção e toda a problemática envolvida nisso. A associação da ciência (no caso em questão, a zoologia) com a cultura não só permite como também estimula tal procedimento. Se você é do campo da pesquisa científica, permita-se experimentar e fazer isso também, tanto em práticas de divulgação científica e nas aulas como em outros momentos de fala pública; e se tiver um viés conservacionista tanto melhor, pois a questão da defesa da biodiversidade é absolutamente urgente. E se você não é um acadêmico em ciências, esteja aberto a contemplar e admirar bichos, plantas, fungos e todos os outros seres vivos, tanto do mundo natural quanto como presença cultural simbólica; e considere se engajar na luta pela preservação dos recursos naturais. Afinal, também a nossa sobrevivência depende disso.

Referências

AMIDŽIĆ, I. 2021. NK Osijek upitao navijače: Imate li dobru ideju za ime naše maskote? Pitanje za navijače bijelo-plavih: "Kako se zovem?". **Osijek News** [on-line]. Disponível em: <https://osijeknews.hr/nk-osijek-upitao-navijace-imate-li-dobru-ideju-za-ime-nase-maskote/>.

Acesso em: 21 de dezembro de 2024.

BERNAL-HOVERUD, N.; MORALES-MORENO, D.; QUISPE, E.E. *et al.* 2024. First record of *Neogale africana* (Desmarest, 1818), Amazon Weasel (Carnivora, Mustelidae), in Bolivia. **Check List** 20(3): 828-832.

COELHO, L.B.N. 2020. A vida nem sempre é uma festa – A Batalha dos Botos. In: DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. (ed.). VI Mostra de Biologia Cultural - Primavera, Flores e Fé. **A Bruxa** 4(especial 4): 29-30.

DA-SILVA, E.R. 2018. Retrospectiva 2018: o ano de consolidação da biologia cultural. E jamais isso foi tão necessário. **A Bruxa** 2(6): 1-8.

DA-SILVA, E.R. 2022. As atividades de zoologia cultural no Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural. **Informativo Notas do CCBS** 2(2): 29-44.



DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. 2016. Zoologia cultural, com ênfase na presença de personagens inspirados em artrópodes na cultura pop. *In*: DA-SILVA, E.R. *et al.* (ed.). **Anais do III Simpósio de Entomologia do Rio de Janeiro**. UNIRIO, p. 24-34.

DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. 2022. Zoologia cultural e sua aplicação no ensino, na divulgação científica e na preservação da biodiversidade. *In*: OLIVEIRA-JUNIOR, J.M.B. & CALVÃO, L.B. (ed.). **Zoologia: panorama atual e desafios futuros**. Atena Editora, p. 15-26.

DUARTE, A. 2024. Oficial: José Boto é o novo diretor desportivo do NK Osijek - Dirigente português foi hoje apresentado, depois de assinar um contrato válido por dois anos e meio. **Record** [on-line]. Disponível: <https://www.record.pt/internacional/detalhe/oficial-jose-boto-e-o-novo-diretor-desportivo-do-nk-osijek>. Acesso em: 21 de dezembro de 2024.

PATTERSON, B.D.; RAMÍREZ-CHAVES, H.E.; VILELA, J.F. *et al.* 2021. On the nomenclature of the American clade of weasels (Carnivora: Mustelidae). **Journal of Animal Diversity** 3(2): 1-8.

RODRIGUES, L.A. 2013. Avaliação do risco de extinção da doninha-Amazônica *Mustela africana* (Desmarest, 1818) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira** 3(1): 191-194.

RUIZ, J.V. 2024. A curiosa história da doninha africana que, na verdade, é brasileira - Muito além da confusão pelo seu nome, a doninha-amazônica é notória por ser o mamífero predador mais misterioso do Brasil. **(o)eco** [on-line]. Disponível em: <https://oeco.org.br/analises/a-curiosa-historia-da-doninha-africana-que-na-verdade-e-brasileira/>. Acesso em: 21 de dezembro de 2024.

Elidiomar Ribeiro Da-Silva
Dezembro de 2024



Resumos e Pôsteres

NA BOCA DO SAPO: A FIGURA DOS ANUROS EM IMAGINÁRIOS ANIMISTAS CONTEMPORÂNEOS

Iago Ferraz de Oliveira Silva* & Victor Perrotta Filgueiras

UFRRJ

*macdearbor@gmail.com

Palavras-chave: anfíbios; etnozootologia; neopaganismo.

A classe Anura (sapos, pererecas e rãs) apresenta 7.708 espécies descritas até o momento. Esses animais possuem grande importância cultural, mas, frequentemente, enfrentam estigmas prejudiciais. Apesar de iniciativas de educação ambiental para desmistificar a suposta periculosidade dos anuros, o receio e a rejeição a eles ainda são reforçados por aspectos culturais, folclóricos e religiosos. Tidos como “de mau agouro”, venenosos e causadores de cegueira, são temidos e distanciados do sentimento de empatia e apelo popular por sua conservação. Essas crenças negativas remontam à Idade Média, quando os anuros foram demonizados devido a associações com divindades e práticas pagãs, além da ideia de que seriam espíritos familiares de bruxas. Além disso, a BÍBLIA também difundiu menções negativas aos sapos e rãs. Por outro lado, religiosidades animistas, como os neopaganismos, mantêm outras formas de relação com a natureza e podem expressar visões muito positivas sobre esses animais. Este estudo, através de um formulário on-line, reuniu respostas quantitativas e qualitativas de 18 adeptos de religiosidades neopagãs de diferentes regiões brasileiras. Os dados revelaram que os anuros são vistos com respeito e reverência. Todos os entrevistados os associaram a deuses e/ou simbolismos, com 94,4% relatando bons sentimentos em relação a eles. Usos simbólicos da figura do sapo em rituais mágicos foram mencionados. Práticas de sacrifícios e/ou nocivas dividiram opiniões. Observamos uma identificação ecoespiritualista entre os participantes, refletida no interesse por conservação e ambientalismo como parte do exercício religioso, com 72,2% das respostas indicando o conhecimento científico como indispensável. Esses dados iniciais sugerem que, em certos contextos, elementos etnozoológicos podem influenciar positivamente a conservação e a educação ambiental em torno dos anuros.

<https://youtu.be/yey0TS3sES4?si=ILTrbeg9KINdTkRC>

Na boca do sapo: a figura dos anuros em imaginários animistas contemporâneos

Iago Ferraz de Oliveira Silva¹ & Victor Perrotta Filgueiras¹; 1-UFRRJ; macdearbor@gmail.com

Religiosidades animistas (que atribuem alma ou espírito a elementos da natureza) modernas, como os neopaganismos, resgatam simbolismos sagrados para os anuros e os relacionam com seus deuses, mantendo diversos folclores vivos.

A filosofia desses cultos, descrita como “ecoespiritualista”, promove a conservação da natureza e a valorização da ciência dentro da prática religiosa, evitando crenças prejudiciais e resignificando a demonização oriunda de superstições cristãs sobre esses e outros animais.

Quão importante é a ciência na filosofia ou prática religiosa?

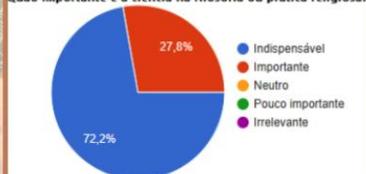


Figura 1: Gráfico demonstrando a valorização da ciência entre os neopagãos entrevistados. Além disso, todos responderam que educação ambiental e proteção da natureza são indispensáveis (Ferraz & Filgueiras).



Figura 2: “Príncipe Sapo” (Ferraz & Filgueiras). A transformação em sapo é uma das ligações populares com as bruxas e anuros, que também atuam como espíritos familiares de acordo com o folclore.



Figura 3: “Hécate” (Ferraz & Filgueiras). A Deusa das Bruxas, historicamente relacionada aos sapos, foi lembrada pelos entrevistados.



Figura 4: “Boca costurada” (Ferraz & Filgueiras). Embora relatem a existência de práticas como essa, todos se opuseram a elas.



Figura 6: “Heqet” (Ferraz & Filgueiras). Deusa egípcia relacionada aos anuros. Associada às águas, fertilidade e abundância, esses elementos também foram lembrados como correspondências dos mesmos. Mencionaram também tradições como deixar uma moeda na boca de um bibelô de sapo (para atrair prosperidade) e pedir proteção aos cururus.



Figura 5: “Xangô” (Ferraz & Filgueiras). Orixá do Fogo e da Justiça, também foi associado aos sapos.



Figura 7: “Feiticeira e Seu Familiar” (Ferraz & Filgueiras). Os entrevistados se identificam com diversas vertentes de neopaganismo e bruxaria moderna, entendendo-se como animistas e ecoespiritualistas, o que refletiu em respostas positivas em relação à figura dos anuros.

QUANDO A FICÇÃO SE TORNA REAL: PAPAGAIOS COMO TESTEMUNHAS NO TRIBUNAL!

Tiago Roberto Guimarães Botelho

UNIRIO

tiagobotelho3@gmail.com

Palavras-chave: depor; julgamento; Psittacidae.

Capazes de reproduzir integralmente frases proferidas pelas pessoas, os papagaios (família Psittacidae) estão entre os xerimbabos mais populares do mundo. Durante o convívio com humanos, podem presenciar eventos criminais e até ser arrolados para testemunhar em tribunais, seja na ficção ou na realidade. Produzido em 1936 pela Columbia Pictures, o curta-metragem estadunidense DISORDER IN THE COURT (traduzido para PAPAGAIADAS) aborda um julgamento de homicídio cuja acusada tem como testemunhas de defesa Os Três Patetas (Curly, Larry e Moe) e o papagaio Paulie (Talvez *Amazona oratrix?*), o qual, pelo relato de Moe, teria presenciado uma discussão entre o assassinado e outra pessoa. Em determinado ponto do julgamento, o papagaio fica repetindo a frase “Procurem a carta!”, momento em que o juiz questiona “O que pretende esse papagaio com o procurem a carta?” e o Moe percebe “uma nota no pé do papagaio” em que o assassino confessava sua autoria no assassinato. Como, diz-se, “a vida imita a arte”, papagaios também podem testemunhar nos tribunais do mundo real, conforme demonstra um brutal feminicídio na Argentina, onde Elizabeth Toledo foi estuprada, agredida e estrangulada em dezembro de 2018. Ela tinha um papagaio que, aparentemente, presenciou todo o evento e repetia, segundo o registro do policial na cena do crime, as últimas palavras da vítima: “Ai, não, por favor, me solta!”, circunstância que fez a justiça convocar a ave para depor como testemunha no julgamento do caso. Indo para uma recente acusação de adultério na Turquia, um homem solicitou o divórcio embasado nos seus dois “papagaios” (aparentemente, duas araras), aceitos como testemunhas no tribunal devido a repetirem constantemente “Vem, o meu marido não está!”, fazendo desses psitacídeos a chave para decidir tal acusação.

https://youtu.be/aERA-jUdI7I?si=KOY28qtt4CDQK_5E



QUANDO A FICÇÃO SE TORNA REAL: PAPAGAIOS COMO TESTEMUNHAS NO TRIBUNAL!

Tiago Roberto Guimarães Botelho - tiagobotelho3@gmail.com
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)



NÃO INCENTIVE O TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES, DENUNCIE-O! CASO PRETENDA TER COMO PET UM ANIMAL NATIVO OU EXÓTICO, CONTATE AS AUTORIADES COMPETENTES OU CRIADOUROS DEVIDAMENTE AUTORIZADOS!



Momento do curta-metragem PAPAGAIADAS em que o papagaio “Paulie”, possivelmente da espécie *Amazona oratrix* (Psittaciformes: Psittacidae), está no tribunal do júri e repete constantemente a frase “Procurem a carta!”.



Fonte:
<https://uscdn.eltribuno.com/052020/15903806800586.webp?cw=1155&ch=650&extw=jpg>

A vítima de feminicídio Elizabeth Alejandra Toledo e o seu suposto xerimbabo Pachuli, “um papagaio verde, de tamanho padrão” que repetia “Ai, não, por favor, me solta!” segundo o relato do policial presente na cena do crime. O espécime da foto publicada *online* pelo jornal argentino El Tribuno aparenta ser da espécie *Amazona ochrocephala* (Psittaciformes, Psittacidae).

“VEJO BICHOS EM TODA PARTE”, ATÉ TESTEMUNHANDO NO TRIBUNAL!



Fonte:
<https://www.youtube.com/watch?v=QkOmmIYXML8>



Fonte:
<https://www.youtube.com/watch?v=QkOmmIYXML8>

Suposta foto de uma pessoa hipoteticamente levando duas araras ao Palácio da Justiça da Anatólia de Istambul (escrito na fachada: Istanbul Anadolu Adalet Sarayı) para testemunharem em um caso de adultério na Turquia, sendo a da esquerda uma *Ara chloropterus* (Psittaciformes, Psittacidae) e a da direita uma *Ara ararauna* (Psittaciformes, Psittacidae). Lembrando que não é incomum pessoas leigas denominarem como Papagaio psitacídeos de grande porte, a exemplo das araras.



Fonte:
<https://x.com/dana916/status/1772996361970925985>

E SE O HOMEM-LEÃO NÃO FOR UM LEÃO? REFLEXÕES A PARTIR DO ACHADO DE UM GATINHO PLEISTOCÊNICO

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

UNIRIO

elidiomar@gmail.com

Palavras-chave: artefato; gato-de-cimitarra; simbolismo animal.

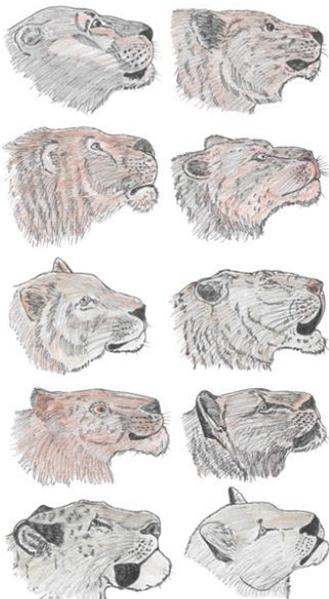
Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, centenas de fragmentos de marfim de mamute (Elephantidae) foram encontrados em escavações na caverna Hohlenstein-Stadel, Alemanha. A montagem desses fragmentos revelou uma estatueta de aproximadamente 30 centímetros de altura, com corpo humano e cabeça zoomórfica. Com o acréscimo de fragmentos e novas interpretações de montagem, concluiu-se que a cabeça seria alusiva ao leão-das-cavernas, *Panthera spelaea* (Felidae). Assim, foi divulgado o chamado Homem-Leão de Hohlenstein-Stadel (ou *Löwenmensch*, em alemão), que, com idade estimada entre 35.000 e 41.000 anos, é das primeiras representações artísticas conhecidas e a estátua mais antiga já descoberta, além de um dos mais antigos exemplos de zoologia cultural. Ainda nos dias de hoje, há algumas polêmicas que cercam a peça de questionamentos, como a perícia do artista, a subjetividade dos montadores, o sexo dos supostos humano e leão, o caráter religioso ou transcendental e a própria identidade do animal – há quem diga que a estátua seria de um urso (Ursidae). Há poucos dias, a revelação do achado no pergelissolo (*permafrost*) na Rússia de uma múmia de filhote de outro Felidae pleistocênico, o gato-de-cimitarra (*Homotherium latidens*), fomenta a nova possível interpretação aqui proposta. Como os mais recentes registros fósseis dessa espécie na Europa remontam há uns 300.000 anos, ela não tinha sido considerada como inspiração para a cabeça do Homem-Leão. Tal empecilho foi superado com a descoberta do filhote russo, que estava em solo datado como de 35.000 a 37.000 anos atrás. Assim, com base na silhueta da cabeça, orelhas relativamente menores e queixo mais desenvolvido, propõe-se aqui que se considere a possibilidade de ser *H. latidens* o animal inspirador para a escultura encontrada na caverna alemã.

<https://youtu.be/yX0bzDANO4?si=qjboYO-8D4D5JUUF>

E SE O HOMEM-LEÃO NÃO FOR UM LEÃO? REFLEXÕES A PARTIR DO ACHADO DE UM GATINHO PLEISTOCÊNICO

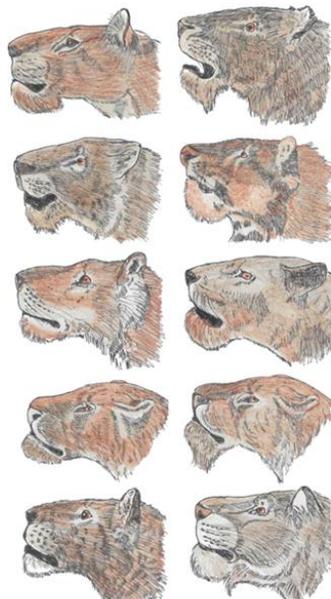
Elidiomar Ribeiro Da-Silva - elidiomar@gmail.com
LABEUC - Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural
Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UNIRIO

Panthera spelaea, o leão-das-cavernas



Homem-Leão, objeto esculpido há uns 40.000 anos. Fonte: Wikimedia

Homotherium latidens, o gato-de-cimitarra



O achado do filhote de gato-de-cimitarra no pergelissolo russo aproximou a espécie da época em que foi esculpido o Homem-Leão.



www.nature.com/articles/41508-024-79546-1

Teria sido o gato-de-cimitarra o inspirador do Homem-Leão?

Os desenhos dos felinos são copiados de ilustrações de artistas.



EVOLUINDO EM PANDORA:

ANÁLISE DA RELAÇÃO DO EVOLUCIONISMO DE DARWIN NO FILME AVATAR - O CAMINHO DA ÁGUA

Ana Laura Guimarães Rabelo de Araújo*; Thales Garcia Serrano & Ana Carolina Vieira de Araújo

Colégio MAX

*analaura.gbell0@gmail.com

Palavras-chave: didático; ficção científica; Seleção Natural.

A dúvida sobre o surgimento da vida esteve sempre presente no imaginário coletivo, levando ao questionamento sobre o que poderia ter ocasionado a existência dos seres que hoje conhecemos, principalmente os humanos. A partir desse questionamento, surgem vários campos de estudos e um deles é o Evolucionismo, que tem como “pai” o naturalista britânico Charles Darwin. Ele propôs sua Teoria da Evolução pautada na Seleção Natural, onde “Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que se adapta melhor às mudanças”. A partir disso, surge o interesse em buscar obras cinematográficas em que fosse possível visualizar a relação do Evolucionismo de Darwin com a proposta do filme. Foi escolhido então o filme AVATAR: O CAMINHO DA ÁGUA (2022). Nele é possível notar as evidentes diferenças apresentadas entre os seres terrestres, habituados com a selva (*Omatikaya*), e os seres aquáticos, habituados com ambientes marinhos (*Metkayina*), ainda que ambos possuam um ancestral comum, descendente da espécie Navi. É possível analisar a diferença anatômica de ambas as espécies, como a presença de braços mais esguios (terrestres) e de braços achatados, similares às barbatanas (aquáticos). Isso se dá devido às diferentes necessidades apresentadas por seu ancestral durante a sua evolução, levando-o à adaptação ao longo dos anos mediante às circunstâncias a que estavam submetidos, cenário esse alusivo à Teoria da Evolução. Conclui-se que o filme apresenta uma representação nítida da teoria evolucionista de Darwin ao ilustrar adaptações anatômicas e comportamentais entre espécies com ancestral comum expostas a diferentes ambientes.

https://youtu.be/26D4q5Hhst8?si=I0207FM7XGgDir_r

EVOLUINDO EM PANDORA: ANÁLISE DA RELAÇÃO DO EVOLUCIONISMO DE DARWIN NO FILME “AVATAR: O CAMINHO DA ÁGUA”

Ana Laura Guimarães Rabelo de Araújo*, Thales Garcia Serrano & Ana Carolina Vieira de Araújo
Colégio MAX - Taubaté/SP
*analaura.gbell0@gmail.com

No filme “Avatar: o Caminho da Água” (2022) é possível notar as evidentes diferenças apresentadas entre os seres terrestres, habituados com a selva (*Omatikaya*) e os seres aquáticos, habituados com ambientes marinhos (*Metkayina*), ainda que ambos possuam um ancestral comum, descendentes da espécie Navi.

Isso se dá às diferentes necessidades apresentadas por suas gerações anteriores, levando-os à adaptações ao longo dos anos mediante às circunstâncias a que estavam submetidos. Assim, a obra foi escolhida para a pesquisa, pois ilustra a Teoria da Evolução de Darwin, também conhecida como Seleção Natural - que propõe a evolução biológica por meio da adaptação dos organismos em um determinado ambiente.



Metkayina

Os espécimes pertencentes ao oceano possuem os braços achatados que os auxiliam em sua agilidade e locomoção. Além disso, o formato de sua cauda também é achatado e tem a mesma função. Ressalta-se também a cor da pele verde-azulada que permite uma “camuflagem” embaixo d’água. Por fim, uma das principais adaptações são um conjunto de pálpebras abaixo das principais, permitindo a melhor visualização embaixo d’água.



Fonte - Disney Fandom Wiki



Omatikaya

Os espécimes pertencentes à selva possuem os braços esguios que os auxiliam em sua agilidade ao locomoverem-se por entre os galhos. O formato de sua cauda, assim como seus braços, é fina e tem como função o equilíbrio e maior facilidade no momento das atividades. Outra diferença é a anatomia de seu torso. Quando comparada com a outra espécie, nota-se uma caixa torácica menor, visto que é uma espécie terrestre.

Fonte - Disney Fandom Wiki



REFERÊNCIAS

https://disneyfandom.fandom.com/wiki/Disney_Fandom_Wiki. Acesso em: 18 nov. 2024.
DISNEY: Avatar: O Caminho da Água. Disney. dez. 2022. Disponível em: <https://www.disneyplus.com>. Acesso em: 21 maio 2024.
SANTOS, Vanezo Sordinho dos. “Teoria do evolucionismo”. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biologia/teoria-do-evolucionismo.htm>. Acesso em 18 de novembro de 2024.

A RELAÇÃO DO PERSONAGEM KEROPPI E OS SAPOS NA CULTURA JAPONESA

Maria Eduarda Viana Pereta da Silva* & Ana Carolina Vieira de Araújo

Colégio MAX

*mariaeduardapereta@gmail.com

Palavras-chave: anuros; Japão; Sanrio.

A popularidade global da Hello Kitty e dos personagens da Sanrio® reflete como a cultura pop ressignifica a percepção humana com animais. A partir disso, optou-se por analisar o personagem Keroppi (1988), um sapinho verde que aparece como um dos protagonistas da animação AS AVENTURAS DE HELLO KITTY E AMIGOS. Ao estudar o personagem e suas características, viu-se que a empresa o descreve como um sapo verde que vive com vários amigos em um donut próximo a um lago. Acredita-se que ele seja da espécie perereca-verde-americana (*Hyla cinerea* - Anura: Hylidae) devido às similaridades apresentadas. A espécie em questão, assim como o personagem, costuma viver próxima a água e apresenta olhos com cores brilhantes. No caso, Keroppi apresenta grandes olhos pretos arredondados. Outro fato a ser citado é a relação dos sapos com a cultura japonesa. Na língua japonesa, a palavra sapo é homófona do verbo retornar: *kaeru* (かえる). Essa palavra carrega o significado de retorno de boas energias e prosperidade. Tanto o Keroppi quanto a perereca-verde-americana simbolizam otimismo e harmonia com a natureza. O verde, em ambas as figuras, representa vitalidade, esperança e conexão com o meio ambiente. Dessa forma, através da pesquisa é possível identificar como a criação de um personagem pode utilizar a cultura e a biologia para sua construção, desde suas características físicas à sua simbologia cultural.

https://youtu.be/wtx2Ldukri0?si=mpV_IVIEzDVIu8PD

A RELAÇÃO DO PERSONAGEM KEROPPI E OS SAPOS NA CULTURA JAPONESA

Maria Eduarda Viana Pereta da Silva & Ana Carolina Vieira de Araújo
Colégio MAX - Taubaté/SP
mariaeduardapereta@gmail.com

A popularidade do personagem Keroppi reflete como a cultura pop une biologia e tradição, simbolizando otimismo e conexão com a natureza. Embora não seja oficial, acredita-se que ele se inspire na perereca-verde-americana (*Hyla cinerea*) pelas similaridades em habitat e aparência. Entende-se que ele é comumente caracterizado como um sapo e por isso, será analisado aqui também a relação dos sapos com a cultura japonesa.

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

Tanto no personagem Keroppi (1) quanto na perereca-verde-americana (2), nota-se a presença de grandes olhos arredondados e um tom de pele verde vívido (Marinho, 2023).

COMPORTAMENTO E HABITAT

Tanto o personagem quanto a espécie citada são descritos como animais que vivem em locais próximos a lagos (Figura 3).

Figura 3: Habitat do personagem Keroppi (a) e da espécie perereca-verde-americana (b).



CULTURA JAPONESA

Na língua japonesa, a palavra sapo é homófona do verbo retornar: *kaeru* (かえる). Essa palavra carrega o significado de retorno de boas energias e prosperidade. É comum que viajantes carreguem um amuleto em forma de sapo, simbolizando proteção e o desejo de retornar para casa em segurança (Figura 4) (Kawanami, 2022). Tanto o Keroppi quanto a perereca-verde-americana simbolizam otimismo e harmonia com a natureza. O verde, em ambas as figuras, representa vitalidade, esperança e conexão com o meio ambiente.

Figura 4: Exemplos de *kaeru* (sapos da sorte).



Referências:

KAWANAMI, Sílvia. Alguns animais e seus simbolismos na cultura japonesa. 2022. Disponível em: <https://www.jpapaoemfoco.com/alguns-animais-e-seus-simbolismos-na-cultura-japonesa>. Acesso em: 18 nov. 2024.
MARINHO, Daniela. Pererecas verdes americanas: conheça o perfil da espécie. 2023. Disponível em: <https://bichoideal.com.br/pererecas-verdes-americanas/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

DAS FLORESTAS, MURIQUIS E OS POEMAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Renato Marchesini

UNIFESP

mínimo_impacto@yahoo.com.br

Palavras-chave: conscientização cultural; guardião da mata; reflexos ambientais.

A arte impulsiona os processos de percepção, sensibilidade, cognição, expressão e criação. Possui o poder de sensibilizar e proporcionar uma experiência estética, transmitindo emoções ou ideais. A arte surge da necessidade de observar o meio que nos cerca, reconhecendo suas formas, luzes e cores, harmonia e desequilíbrio. Muriqui em tupi-guarani significa gente que bamboleia, que vai e vem. Ficou conhecido como o “povo manso” da floresta. É o guardião da Mata Atlântica, o maior primata das Américas, um grande dispersor de sementes. Cujas características é de gostarem de abraçar uns aos outros, eles costumam se abraçar em grupo, num grande abraço coletivo. São duas espécies, o muriqui-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus* - Ateliade) que ocorre nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e sul da Bahia, e o muriqui-do-sul (*Brachyteles arachnoides*), que ocorre nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e parte do Paraná. Suas populações estão ameaçadas principalmente pela destruição e fragmentação do habitat, como também pela caça. Carlos Drummond de Andrade, desesperançado, dizia em verso: “Não, não haverá para os ecossistemas aniquilados dia seguinte. O ranúnculo da esperança não brota no dia seguinte. A vida harmoniosa não se restaura no dia seguinte”. E, mais adiante, decretava “Muriqui, muriqui, tu estavas aqui bem antes do europeu, bem antes do progresso. Teu alegre saltar entre ramos e ventos vai ficando tão longe. Onde estás, muriqui? És apenas uma lembrança de um tempo que eu não vi.” Nesse contexto, podemos inserir a importância da arte como uma ferramenta para a conscientização cultural com reflexos na ambiental. Assim, ela pode difundir e questionar estilos de vida, preparar uma nova consciência através da sensibilização, alertando e gerando reflexões.

<https://youtu.be/ySmtJyN9W-A?si=wHQWH9i60V6ebn4j>

DAS FLORESTAS, MURIQUIS E OS POEMAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Renato Marchesini (UNIFESP)

minimo_impacto@yahoo.com.br



Figura 1: Carlos Drummond Andrade e Renato Marchesini
“Em Muriquí, muriquí, tu estava aqui antes do europeu...”
MARCHESINI, 2020.



Figura 2:

- A) *Brachyteles arachnoides* – Ateliade
 - B) *Brachyteles hypoxanthus* – Ateliade
- SERRANO-VILLAVICENCIO, 2016.

SERRANO-VILLAVICENCIO, Jose. (2016). Taxonomy of the genus *Brachyteles* Spix, 1823 and its phylogenetic position within the subfamily Atelinae Gray, 1825.

Foto de Fundo: Mosaico da Juréia
MARCHESINI, 2024

A RELAÇÃO ENTRE A ÒRÌȘÀ ỌYA E A FAUNA AFRO-BRASILEIRA

Matheus de Lima Teodoro* & Ana Carolina Vieira de Araújo

Colégio MAX

*mtthxslima@gmail.com

Palavras-chave: borboleta-monarca; búfalo; candomblé.

Considerados elementos da natureza sob personificação nos cultos afro-brasileiros e estando diretamente ligados à fauna e flora, os orixás são amplamente cultuados em ambas as localidades. De acordo com as crenças nagô (povo oriundo das proximidades da atual Nigéria) e bantu (povo presente nos arredores do que hoje é Angola), cada uma dessas divindades pode ser representada por animais, sendo algumas, segundo os *itàn* (mitos africanos), capazes de se transformar neles. Para este estudo, foi escolhida a orixá *Oya*, também conhecida como *Iansã*, que, de acordo com a mitologia nagô, é capaz de se transformar em borboleta quando com medo, ou em búfalo. Quando em forma de borboleta, é associada à borboleta-monarca (*Danaus plexippus* - Nymphalidae). Ainda que essa espécie não seja encontrada no continente africano, seu uso é comum devido à ligação que *Oya* tem às cores quentes, como laranja e vermelho. Não raro, quando se tratando de *Oya Igbálê* (uma qualidade de *Iansã* cujas vestes são brancas), essa representação também ocorre por uma borboleta branca, sem espécie definida. Em sua forma de búfalo, é simbolizada pelo búfalo-negro-africano (*Syncerus caffer* - Bovidae), já que tal representação, ao contrário da borboleta, é da África e tal espécie está presente em boa parte da porção subsaariana do continente. Em conclusão, as representações de *Oya* pela borboleta-monarca e pelo búfalo-negro-africano refletem características específicas da zoologia dessas espécies. A borboleta, com seu ciclo de metamorfose, remete a processos de transformação e adaptação, enquanto o búfalo, com sua força e comportamento gregário, simboliza resistência e liderança social em situações que exigem agilidade. Essas associações revelam como aspectos biológicos dos animais influenciam a construção simbólica nas crenças afro-brasileiras.

https://youtu.be/OG0HXXuv-8Y?si=_klnusxcwMIQy7cs

A RELAÇÃO ENTRE A ÒRÌȘÀ ỌYA E A FAUNA AFRO-BRASILEIRA

Matheus de Lima Teodoro* & Ana Carolina Vieira de Araújo
Colégio MAX - Taubaté/SP
*mtthxslima@gmail.com

@vivoquadro

Oya, ou *Iansã*, é uma orixá cultuada no Candomblé, na Umbanda e na mitologia nagô, associada a transformações e força. Segundo os mitos, ela pode se transformar em borboleta ou búfalo.

A **borboleta-monarca** (*Danaus plexippus* - Nymphalidae), ligada a cores quentes como laranja e vermelho, simboliza transformação, enquanto o **búfalo-negro-africano** (*Syncerus caffer* - Bovidae) representa força e liderança, refletindo traços marcantes de *Oya*.

Essas associações, integram aspectos biológicos e simbólicos, reforçando sua conexão com a natureza. As representações destacam resiliência, agilidade e poder na cosmologia afro-brasileira.

Borboleta-monarca
Danaus plexippus



Búfalo-negro-africano
Syncerus caffer

ANÁLISE SOBRE AS ESPÉCIES DOS PERSONAGENS DO DESENHO THUNDERCATS

Iasmin Toledo da Silva* & Ana Carolina Vieira de Araújo

Colégio MAX

*toledo.iasmin2612@gmail.com

Palavras-chave: felídeos; habilidades; série.

O universo de THUNDERCATS, clássico desenho animado dos anos 1980, estreou no Brasil em 1986 e é conhecido por seus humanóides, que exibem características físicas e cognitivas notáveis. Além disso, apresenta uma variedade de personagens, cada um representando uma espécie animal diferente, em específico, um felino (família Felidae). Este trabalho tem o objetivo de analisar as diversas espécies de felinos dos personagens principais, destacando suas habilidades dentro da animação e relacionando-as com os hábitos das espécies de inspiração. O líder Lion-O, um humanoide leão, em específico o leão-asiático (*Panthera leo leo*), simboliza o rei da selva e possui habilidades de liderança e combate. Tygra, o humanoide tigre (*Panthera tigris tigris*), é um especialista em guerra e estratégia, associado ao tigre-siberiano, que tem uma pelagem mais grossa para suportar climas frios. Panthro, representando a pantera-negra ou leopardo (*Panthera pardus*), é o lutador mais experiente do grupo e se destaca por sua força e inteligência. Cheetara, a guepardo (*Acinonyx jubatus*), é conhecida por suas habilidades psíquicas e velocidade impressionante, características que a ajudam a caçar. Snarf, que protege Lion-O, é um gato-doméstico (*Felis catus*), especificamente um Maine Coon, e possui habilidades de caça. Ao estudar as espécies dos personagens de THUNDERCATS, nota-se um potencial significativo de auxiliar na divulgação dos felídeos, enfatizando suas diferentes características. Isso tem grande potencial para tornar o ensino em sala de aula mais lúdico e envolvente, enriquecendo significativamente o aprendizado de ciências.

https://youtu.be/8_2dPUfns8Q?si=62_So7IZfm8eD68W

ANÁLISE SOBRE AS ESPÉCIES DOS PERSONAGENS DO DESENHO THUNDERCATS

Iasmin Toledo da Silva & Ana Carolina Vieira de Araújo
Colégio Max - Taubaté/SP
*toledo.iasmin2612@gmail.com

Thundercats foi um desenho muito popular a partir da década de 80 aqui no Brasil. Os personagens principais são humanóides que representam espécies diferentes de **felinos**. Essas espécies e suas características serão analisadas a seguir.

LEÃO-ASIÁTICO
ORDEM: CARNIVORA
FAMÍLIA: FELIDAE

Fonte: Toça dos Gatos, 2018

Fonte: depositphotos, 2016

CURIOSIDADES SOBRE TYGRA

- Tygra - especialista na guerra e estratégia;
- É representado por um tigre-siberiano (*Panthera tigris tigris*);
- Apresenta uma pelagem mais grossa para suportar climas frios.

GUEPARDO
ORDEM: CARNIVORA
FAMÍLIA: FELIDAE

Fonte: UFRJ, 2023

Fonte: Toça dos Gatos, 2018

CURIOSIDADES SOBRE PANTHRO

- Panthro - lutador do grupo e se destaca pela força e inteligência;
- Representado por uma pantera-negra ou leopardo (*Panthera pardus*)

MAINE COON
ORDEM: CARNIVORA
FAMÍLIA: FELIDAE

Fonte: Pinterest, 2023

Fonte: Toça dos Gatos, 2018

CURIOSIDADES SOBRE LION-O

- Lion-O - Líder dos Thundercats;
- É um leão da espécie: Leão-asiático (*Panthera leo leo*);
- Essa variedade tem uma pelagem mais clara, com juba avermelhada nos machos;
- Além disso, o leão simboliza o rei da Selva e o Lion-O é conhecido por suas habilidades de liderança e combate.

Fonte: Toça dos Gatos, 2018

TIGRE SIBERIANO
ORDEM: CARNIVORA
FAMÍLIA: FELIDAE

Fonte: Toça dos Gatos, 2018

CURIOSIDADES SOBRE CHEETARA

- Cheetara - conhecida por sua velocidade e habilidades psíquicas utilizadas para caça;
- É representada por um guepardo (*Acinonyx jubatus*).

Fonte: Toça dos Gatos, 2018

PANTERA-NEGRA
ORDEM: CARNIVORA
FAMÍLIA: FELIDAE

Fonte: Toça dos Gatos, 2018

CURIOSIDADES SOBRE SNARF

- Snarf - gato que protege Lion-O;
- Apresenta habilidades de caça;
- É representado por um gato-doméstico da espécie Maine Coon (*Felis catus*)

REFERÊNCIAS

TOÇA dos Gatos: O lar de Thundercats. O lar de Thundercats. Disponível em: <https://tocaosgatos.tv.br/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

ENTOMOLOGIA EM *DEMON SLAYER*: A RELAÇÃO ENTRE SHINOBU KOCHO E INSETOS

Isadora Ribeiro Lourenço

UNIRIO

isadora.ribeiro@edu.unirio.br

Palavras-chave: animê; borboletas; vespas.

O anime *DEMON SLAYER* (desde 2019) conta a história de Kamado Tanjiro, menino que se torna um caçador de demônios, conhecidos como *onis*, após sua família ser brutalmente assassinada por um deles. Dentro do grupo de caçadores de *onis* de alto escalão, os *Hashiras*, está a personagem Shinobu Kocho, nomeada de *Hashira* do Inseto. Mesmo não sendo a personagem principal, Shinobu possui caracterização muito interessante, mas qual seria sua proximidade com os artrópodes? À primeira vista, percebemos que Shinobu é uma jovem pequena e de olhos grandes, que usa um quimono de borboleta de padrão semelhante ao gênero *Danaus* (Lepidoptera: Nymphalidae) e um adereço no cabelo também de borboleta. A caçadora não possui força física para decapitar um *oni*, mas os destrói com o uso de veneno, injetado quando sua espada, que funciona como um ferrão, fere o oponente. Seus movimentos são extremamente rápidos e delicados, e suas técnicas de respiração e ataques em batalha também fazem referência a insetos, onde são simulados comportamentos semelhantes ao do animal referenciado, ou o animal referenciado é apresentado na visualização do ataque. Algumas delas são: a dança da borboleta (ordem Lepidoptera), a dança da libélula (ordem Odonata) e a dança da picada de abelha (ordem Hymenoptera). Além disso, Shinobu vive na Mansão Borboleta, local onde caçadores feridos podem ser levados e ficar sobre os cuidados médicos da Hashira. Podemos perceber que a personagem foi caracterizada para fazer referência principalmente às borboletas, mas sua fisionomia e fisiologia mostram atributos de outros artrópodes também. A capacidade de conter veneno para demônios no próprio corpo é um fato interessante de se analisar, pois mostra uma possível semelhança com comportamentos defensivos ou ofensivos de vespas e outros insetos peçonhentos.

https://youtu.be/ICCduoPRoDc?si=woZr6_EUleFPMomp

Entomologia em Demon Slayer: A relação entre Shinobu Kocho e os insetos

Isadora Ribeiro Lourenço
UNIRIO
isadora.ribeiro@edu.unirio.br



Personagem Shinobu Kocho
Disponível em:
<https://www.deviantart.com/zyt7974/art/Koch-Shinobu-965744094>



Danaus plexippus
(Lepidoptera, Nymphalidae)
Borboleta-Monarca
Disponível em: <https://pxhere.com/pt/photo/1074310>



Técnica Dança das Borboletas
Disponível em:
<https://www.deviantart.com/villyane/art/Shinobu-816176041>



Espada de Shinobu
Disponível em:
<https://www.deviantart.com/imrafan/art/Shinobu-Kocho-840304739>

Por mais que as cores sejam diferentes, o Kimono de Shinobu possui o mesmo padrão que a Borboleta-Monarca.

A espada é adaptada para a Shinobu, onde sua ponta é visivelmente maior, para carregar o veneno.

A ARTE DE IMITAR: ENTENDENDO O MIMETISMO

Ana Paula da Silva Costa

UNIRIO

ana.costa@edu.unirio.br

Palavras-chave: divulgação científica; evolução; zoologia cultural.

Mimetismo, do grego *mimetés* (imitação), é uma estratégia evolutiva desenvolvida por alguns animais e vegetais como forma de defesa em meio a predadores, garantindo assim sua sobrevivência. Normalmente confundido com a camuflagem utilizada por animais para se esconder de predadores ou confundir presas, através da semelhança corpórea com o meio ambiente em que vivem, misturando-se com ele, no mimetismo o indivíduo copia outro em forma, coloração e comportamento, podendo ser classificado em diferentes tipos, sendo os mais conhecidos: mimetismo Batesiano, no qual uma espécie inofensiva (palatável) imita a coloração ou um sinal de advertência de uma espécie perigosa (impalatável), como a falsa-coral (*Oxyrhopus rhombifer* – Dipsadidae) imitando a cobra-coral verdadeira (*Micrurus altirostris* – Elapidae); e mimetismo Mülleriano, onde duas ou mais espécies impalatáveis se imitam formando um grupo, de maneira a fazer com que o predador associe o padrão de cor à forma e outras características compartilhadas pelo grupo, como algo associado a um gosto ruim. É o caso das borboletas conhecidas como maria-boba (*Eueides isabella* - Nymphalidae e *Heliconius ethilla narcaea* – Nymphalidae). Ocorre também entre plantas e animais, como na orquídea erva-abelha (*Ophrys apifera* - Orchidaceae), que imita fêmeas de abelhas (*Eucera* sp. – Apidae) para atrair os machos, que, ao tentarem copular, irão entrar em contato com o pólen, transportando-os para outras plantas, auxiliando na reprodução da espécie. Portanto, essa estratégia é vital para a reprodução e preservação das espécies, ressaltando a importância da conservação de habitats e das espécies modelo, cuja extinção impacta diretamente os indivíduos miméticos. Nas artes, o mimetismo (conceito), busca imitar o mundo real (literalmente ou simbolicamente), com obras como DAVID RENASCENTISTA (Michelangelo), o hiper-realista MARK (Chuck Close) e até nas atuais imagens geradas por inteligência artificial.

https://youtu.be/g7G7m-jRrgw?si=DDoOy537tvJw_EYb



A Arte de Imitar: Entendendo o Mimetismo

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Ana Paula da Silva Costa (ana.costa@edu.unirio.br)



Mimetismo Batesiano



© @registroanimal

Falsa coral

Oxyrhopus rhombifer
Ordem: Squamata
Família: Dipsadidae



© arthur abegg

Coral verdadeira
Micrurus altirostris
Ordem: Squamata
Família: Elapidae

Mimetismo Mülleriano



© Carlos Alexandre Mattos Raposo

Maria-boba

Heliconius ethilla narcaea
Ordem: Lepidoptera
Família: Nymphalidae



© Korf-Adri

Maria-boba

Eueides isabella
Ordem: Lepidoptera
Família: Nymphalidae

Mimetismo Vegetal X Animal



© Holger Krisp

Orquídea erva-abelha
(*Ophrys apifera*)



© David GENOLD

Abelha (macho)
Eucera sp
Ordem: Hymenoptera
Família: Apidae



Nas artes mimetismo é a representação/imitação de alguém ou algo.

Mark, pintura hiper-realista de Chuck Close.



© Ana Paula Costa

Imagem gerada pelo IA Photo_CreateE.



<https://www.wikiart.org/en/chuck-close/mark-1979>



David de Michelangelo.

ENTOMOFAGIA E ZOOLOGIA CULTURAL: A TRADIÇÃO E SUSTENTABILIDADE NO CONSUMO DE INSETOS

Neli Lima Coelho; Expedito Mesquita Frazão da Silva; Luciana Barboza Silva & Josenir Teixeira Câmara*
UFPI

*josenircamara@ufpi.edu.br

Palavras-chave: alimentação humana; antroponomofagia; tradição cultural; segurança alimentar.

A entomofagia, ou consumo de insetos, é uma prática tradicional amplamente difundida em culturas da Ásia, África e América Latina, valorizada por seu elevado teor nutricional e sua relevância cultural. No Brasil, insetos como tanajura (Hymenoptera: Formicidae) e lagarta-da-palma (Lepidoptera: Riodinidae) exemplificam essa conexão. Com a crescente demanda por proteínas e os impactos da pecuária, a criação de insetos, como *Tenebrio molitor* e *Zophobas morio* (Coleoptera: Tenebrionidae), oferece alto valor proteico, produção de baixo custo e impacto ambiental reduzido, consumindo menos água e terra, e emitindo menos gases de efeito estufa. Além disso, insetos são aplicados na alimentação animal e humana, promovendo uma cadeia de produção mais sustentável. Este estudo analisou o papel cultural e sustentável da entomofagia por meio de uma revisão bibliográfica interdisciplinar. Os resultados mostram que o consumo de insetos vai além do aspecto nutricional, atuando como marcador cultural em diversas sociedades. Apesar dos benefícios ambientais e econômicos da criação de insetos serem evidentes, a aceitação cultural do seu consumo ainda enfrenta desafios significativos. A adoção da entomofagia tem alguns empecilhos como o estigma social e a ausência de regulamentações específicas para a produção e comercialização de insetos, dificultando sua disseminação como prática alimentar. Contudo, valorizar tradições culturais que incluem insetos na dieta e investir na educação sobre seus benefícios podem desmistificar preconceitos e ampliar sua aceitação. A entomofagia surge como uma estratégia alimentar que alia inovação, sustentabilidade e conservação cultural, apresentando-se como uma alternativa viável para atender às demandas da segurança alimentar global.

https://youtu.be/EADQbaKr_D8?si=HJ2mNfUY7joSOhtM

Entomofagia e Zoologia Cultural: A Tradição e Sustentabilidade no Consumo de Insetos

Neli Lima Coelho; Expedito Mesquita Frazão da Silva; Luciana Barboza Silva; Josenir Teixeira

Universidade Federal do Piauí CPCE

josenircamara@ufpi.edu.br



Introdução

A entomofagia, ou consumo de insetos, é uma prática tradicional amplamente difundida em culturas da Ásia, África e América Latina, valorizada por seu elevado teor nutricional e sua relevância cultural.



Resultados

O consumo de insetos vai além do aspecto nutricional, atuando como marcador cultural em diversas sociedades. Apesar dos benefícios ambientais e econômicos da criação de insetos serem evidentes, a aceitação cultural do seu consumo ainda enfrenta desafios significativos.



Discussão

A adoção da entomofagia tem alguns empecilhos como o estigma social e a ausência de regulamentações específicas para a produção e comercialização de insetos, dificultando sua disseminação como prática alimentar. Surgindo como uma estratégia alimentar que alia inovação, sustentabilidade e conservação cultural, apresentando-se como uma alternativa viável para atender às demandas da segurança alimentar global.



Metodologia

Foi realizada uma revisão bibliográfica interdisciplinar para analisar benefícios culturais, ambientais e econômicos da entomofagia.



O PROCESSO DE GAMIFICAÇÃO DO ENSINO DE AMEBAS TESTÁCEAS PARA ALUNOS DA REDE PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO

Isabela Longo Rangel*; Larissa Souza Monteiro; Karen Helena dos Santos Costa; Manoela dos Santos Moreira; Viviane Bernardes dos Santos Miranda & Christina Wyss Castelo Branco UNIRIO

*isabela.rangel@edu.unirio.br

Palavras-chave: educação ambiental; popularização da ciência; tecameba.

As amebas testáceas são protozoários não patogênicos, ou seja, de vida livre que são caracterizados pela presença de uma carapaça ou “teca”, podendo ser de origem endógena ou exógena. Esses protistas são considerados bons bioindicadores, porém, apesar de sua grande importância ecológica, os mesmos são pouco estudados na comunidade científica e pouco conhecidos pela população geral. Assim, o objetivo deste trabalho é demonstrar como o processo de gamificação afeta diretamente a adesão por parte dos alunos ao aprendizado sobre as tecamebas e, conseqüentemente, o conhecimento sobre as mesmas. Para isso, foram criados diferentes jogos, tais como jogo da memória, quebra-cabeça e o “Quem é essa tecameba?”, que consiste em correlacionar modelos anatômicos a imagens de espécies de amebas. Os jogos foram utilizados por alunos de escolas municipais do Rio de Janeiro, participantes das aulas de microscopia oferecidas pelo projeto, permitindo-os conhecer mais sobre esses seres de forma lúdica. Pode-se observar também uma grande atividade de questionamentos por parte dos alunos, com o intuito de obter mais informações sobre esses protistas. Assim, com a análise da adesão dos jogos por parte dos alunos, pode-se concluir que usufruir do processo de gamificação como uma ferramenta para o ensino sobre as amebas testáceas é altamente efetivo para a popularização das mesmas.

<https://youtu.be/4Y1z0bzBBhU?si=ZdsKHbFqlec2MZS3>



O PROCESSO DE GAMIFICAÇÃO DO ENSINO DE AMEBAS TESTÁCEAS PARA ALUNOS DA REDE PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO.



Isabela Longo Rangel¹; Larissa Souza Monteiro¹; Karen Helena dos Santos Costa¹; Manoela dos Santos Moreira¹; Viviane Bernardes dos Santos Miranda¹; Christina Wyss Castelo Branco¹.

¹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

E-mail: isabela.rangel@edu.unirio.br

INTRODUÇÃO

As amebas testáceas são protozoários não patogênicos, ou seja, de vida livre que são caracterizados pela presença de uma carapaça ou “teca”, podendo ser de origem endógena ou exógena. Esses protistas são considerados bons bioindicadores (Siemensma, 2023) porém, apesar de sua grande importância ecológica, os mesmos são pouco estudados na comunidade científica e pouco conhecidos pela população geral.

OBJETIVO

Demonstrar como o processo de gamificação afeta diretamente a adesão por parte dos alunos ao aprendizado sobre as tecamebas e, conseqüentemente, o conhecimento sobre as mesmas.

METODOLOGIA

Para isso, foram criados diferentes jogos, tais como jogo da memória, tangram e o “Quem é essa tecameba?”, que consiste em correlacionar

modelos anatômicos a imagens de espécies de amebas. Os jogos foram utilizados por alunos de escolas municipais do Rio de Janeiro (RJ) participantes das aulas de microscopia oferecidas pelo projeto, permitindo-os conhecer mais sobre esses seres de forma lúdica.

Foto 1: Tangram da mascote “Aculeônio”.



Fonte: Acervo Tecalajes, 2024.

RESULTADOS

Pode-se observar também uma grande atividade de questionamentos por parte dos alunos, com o intuito de obter mais informações sobre esses protistas.

CONCLUSÃO

Assim, com a análise da adesão dos jogos por parte dos alunos, pode-se concluir que usufruir do processo de gamificação como uma ferramenta para o ensino sobre as amebas testáceas é altamente efetivo para a popularização das mesmas.

REFERÊNCIAS

SIEMENSMA, F. Microworld: world of ameboid organisms. Fev. 2023. Disponível em: <<https://arcella.nl/lobose-testate-amoeba>>. Acesso em: 02 out. 2023.

ZOOLOGIA E REFLEXÃO EM *ANIMALS* (PINK FLOYD, 1977)

Matheus Carneiro Heinzelmann^{1*} & Ana Beatriz Cruz Silva²

¹UEG; ²UERJ

*matheuscarneiroh@gmail.com

Palavras-chave: música; simbologia; sociedade.

O álbum *ANIMALS*, da banda Pink Floyd, lançado em 1977, é uma obra conceitual inspirada no livro *A REVOLUÇÃO DOS BICHOS*, de George Orwell. Ele faz uma crítica social à estratificação e ao comportamento da sociedade, utilizando metáforas de animais para representar diferentes grupos ou características humanas. As músicas exploram temas como ganância, opressão, apatia e corrupção. Em “Pigs on the Wing” (Partes 1 e 2), músicas de abertura e encerramento do álbum, surge uma visão mais pessoal e compassiva, contrastando com as críticas mais fortes das demais faixas. Em “Dogs”, os “cães” (Canidae) representam os ambiciosos e oportunistas que buscam sucesso a qualquer custo, mas acabam presos em ciclos de traição e isolamento, expondo as consequências de um sistema competitivo e implacável. Já em “Pigs (Three Different Ones)”, os “porcos” (Suidae) simbolizam as elites corruptas e hipócritas que controlam a sociedade, explorando e se aproveitando dos demais para manter o poder, correlacionando-se com a letra de “War Pigs”, de Black Sabbath (1970). Por sua vez, “Sheep” (Bovidae) retrata as massas passivas e submissas, que seguem cegamente a liderança, mas que demonstram uma capacidade de resistência ao final, sugerindo a possibilidade de despertar e revolta contra seus opressores. O álbum não apenas expõe o funcionamento das hierarquias sociais, mas também critica a alienação e os perigos de uma sociedade regida por figuras autoritárias e por uma luta incessante por poder. Ao conectar a simbologia animal à psicologia humana, *ANIMALS* estimula reflexões sobre as relações de poder e a necessidade de mudanças, mostrando-se ainda, infelizmente, um álbum com temáticas atuais e de suma importância para o senso crítico.

<https://youtu.be/MWwcx0Yzl7Q?si=7wJkLu6rVUOQRlTO>

Zoologia e Reflexão em “Animals” (Pink Floyd, 1977)

Matheus Carneiro Heinzelmann (UEG) & Ana Beatriz Cruz da Silva (UERJ)

Em “Pigs on the Wing” (Partes 1 e 2), surge uma visão mais pessoal e compassiva, contrastando com as críticas mais fortes das demais faixas.

Já em “Pigs (Three Different Ones)”, os “porcos” simbolizam as elites corruptas que controlam a sociedade, explorando e se aproveitando dos demais para manter o poder.



Sus scrofa domestica (Artiodactyla: Suidae)

Em “Dogs”, os “cães” representam os ambiciosos e oportunistas que buscam sucesso a qualquer custo, mas acabam traídos e presos.



Hepper

Canis domesticus (Carnivora: Canidae)

A canção “Sheep” retrata as massas submissas, que seguem cegamente a liderança, mas que possuem uma capacidade de resistência ao final, sugerindo a possibilidade de despertar e se revoltar contra seus opressores.



Ovis aries (Artiodactyla: Bovidae)

A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS NO INSTAGRAM ABORDANDO ZOOLOGIA DE ANIMAIS BRASILEIROS PODE SER O GRANDE AVANÇO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CANAL AUTORAL

Maria Luiza Moutinho Dos Santos* & Elidiomar Ribeiro Da-Silva

UNIRIO

*marialuizams0829@edu.unirio.br

Palavras-chave: influenciador digital; popularização da ciência; redes sociais.

Divulgação científica é ferramenta útil para conscientização da população a respeito dos problemas ambientais. Relata-se aqui acerca da produção de conteúdos sobre educação ambiental no Instagram, com ênfase em zoologia, avaliando como diferentes abordagens podem engajar e sensibilizar usuários para a conservação da fauna brasileira. A criação de conteúdos, dentro do perfil @luizamout, teve início em fevereiro de 2023, quando a página analisada abordava outros assuntos mais gerais e contava com quase 700 seguidores. A pesquisa utilizou 23 vídeos publicados ao longo de 20 meses, divididos em três categorias: 1) educação com pintura; 2) educação com tatuagem; 3) educação com informações somente sobre animais. A partir do início da análise, os conteúdos postados passaram a ter como tema a educação ambiental. Dados extraídos dos insights da plataforma e incluindo métricas como visualizações, compartilhamentos, comentários e salvamentos, indicam que fatores como escolha do tema, abordagem visual e uso de ferramentas de marketing influenciam diretamente no alcance e no engajamento dos vídeos, totalizando cerca de 16 mil seguidores ao final dos 20 meses. Animais populares, como a onça-pintada (*Panthera onca* – Felidae), geralmente obtiveram maior alcance, porém isso não é fator decisivo, abrindo margem para utilização e divulgação de animais pouco conhecidos. Adicionalmente, a inclusão de elementos criativos, como pinturas ou narrativas diferenciadas, tende a aumentar a interação dos usuários. Conclui-se que a combinação de conteúdos atrativos e estratégias adequadas pode ser um grande aliado na ampliação do alcance da educação ambiental nas redes sociais, contribuindo para a conscientização sobre a biodiversidade de forma mais eficaz.

<https://youtu.be/CFBNlrX9Dh0?si=BXI-4QHbOTynOnGv>

A utilização de vídeos no Instagram abordando zoologia de animais brasileiros pode ser o grande avanço da educação ambiental: relato de experiência de um canal autoral

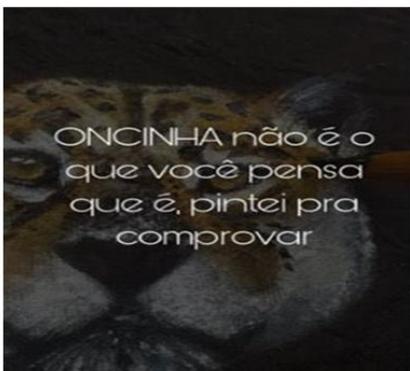
luizamout_ 362 publicações 18 mil seguidores 55 seguindo
Luiza Mout
Criador(a) de conteúdo digital

Maria Luiza Moutinho Dos Santos - marialuizams0829@edu.unirio.br
Bacharelada em Ciências Biológicas - UNIRIO

Elidiomar Ribeiro Da-Silva – elidiomar@gmail.com
LABEUC – Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural
Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UNIRIO



Exemplos de postagens



DE LAMBE-BEIÇO À ARIRANHA COM FOME: OS APELIDOS BIOLÓGICOS DA PERSONAGEM BLANDINA, DE *NO RANCHO FUNDO*

Luci Boa Nova Coelho^{1*} & Elidiomar Ribeiro Da-Silva²

¹UFRJ; ²UNIRIO

*lucibncoelho@gmail.com

Palavras-chave: biologia cultural; novela; sertão.

Apelido é uma qualificação individualizadora, muitas vezes irônica, caricata ou satírica, que aponta determinada característica de alguém ou de algo. Apelidos costumam ser marcantes, para o bem ou para o mal, nas trajetórias de vida. NO RANCHO FUNDO é uma novela brasileira produzida pela TV Globo, tendo sido exibida entre 15 de abril e 01 de novembro de 2024, totalizando 171 capítulos. A trama se passa numa localidade fictícia no sertão do Cariri, interior da Paraíba, e uma das principais vilãs da narrativa, a gananciosa Blandina (interpretada por Luisa Arraes) tem uma curiosa peculiaridade relacionada à biologia cultural: muitos dos apelidos com os quais ela é chamada na novela tem inspiração em bichos e plantas. Cinco são abordados aqui, sendo eles lambe-beiço, guela-seca, rapa cuia, ariranha com fome e piranha seca. Lambe-beiço é nome da planta *Mimosa* sp. (Fabaceae), também conhecida como calumbi, jurema-branca e amorosa, que tem flores muito atraentes e é cheia de espinhos, o que lhe vale um outro nome popular, unha-de-gato, alusivo aos felinos (Felidae). Além de naturalmente estar relacionado à sede, guela-seca é um dos nomes comuns do periquito-da-caatinga (*Eupsittula cactorum* – Psittacidae), enquanto que rapa-cuia é uma das denominações dos besouros da família Curculionidae no Nordeste, além de ser associado à perereca-de-banheiro (*Scinax fuscovarius* – Hylidae). Os dois apelidos restantes são alusivos à ariranha (*Pteronura brasiliensis* – Mustelidae) e às piranhas (Serrasalminidae), certamente motivados pela ganância da personagem. Levando-se em conta o caráter pessoal e social dos apelidos, no caso das inspirações serem elementos da natureza próxima tem-se em mãos uma interessante possibilidade para se falar de ciência e da importância da preservação dos recursos naturais.

https://youtu.be/JiH4pyVrBao?si=_z65L_51mm8XkDYp



ENTOMOLOGIA NA MÚSICA: INSETOS E ÁLBUNS DE ROCK

Matheus Carneiro Heinzelmann^{1*} & Ana Beatriz Cruz Silva²

¹UEG; ²UERJ

*matheuscarneiroh@gmail.com

Palavras-chave: Insecta; letras; simbologia.

Os insetos sempre possuíram um papel de suma importância para a humanidade, seja pela sua diversidade, pela beleza, pela simbologia ou pelo seu impacto no cotidiano. No meio musical, eles vêm deixando sua marca há tempos. Bandas e artistas frequentemente recorrem a esses organismos como inspiração para letras, títulos de músicas e capas de álbuns. Por exemplo, moscas e pernilongos (Diptera) estão presentes em diversos álbuns, como JAR OF FLIES (Alice in Chains), I'M WITH YOU (Red Hot Chili Peppers) e FLY ON THE WALL (AC/DC). As borboletas (Lepidoptera) são utilizadas em muitos álbuns, como em BRAND NEW EYES (Paramore), LEFTRIGHTLEFTRIGHTLEFT (Coldplay), CIRICE (Ghost) e FACE TO FACE (The Kinks). Os besouros (Coleoptera) são frequentemente representados, por exemplo, nos álbuns da banda Journey, estando presentes em DEPARTURE, CAPTURED, ESCAPE, dentre outros. As abelhas, formigas e vespas (Hymenoptera) também são utilizadas com frequência, podendo ser observadas em THE BEES MADE HONEY IN THE LION'S SKULL (Earth) e em SYSTEMATIC CHAOS (Dream Theater), por exemplo. Ademais, ainda existem representações que contam com insetos de diversos grupos, como em METAMORPHOSIS (The Rolling Stones), WELCOME TO MY NIGHTMARE (Alice Cooper), LED ZEPPELIN III (Led Zeppelin) e TEARS ROLL DOWN (Tears for Fears), que apresentam libélulas (Odonata), louva-a-deus (Mantodea), borboletas, abelhas e moscas. Dessa forma, é possível vislumbrar que insetos na música vão além de apenas ilustrações em capas de álbuns. Esses organismos simbolizam ideias, provocam reflexões e reforçam a ligação entre arte e natureza. Ao revisitarmos capas simbólicas e analisarmos sua relação com as bandas, percebemos como esses artrópodes se mostram uma metáfora valiosa para emoções e até mesmo o próprio espírito do rock.

<https://youtu.be/Ru50SiQVjqs?si=ijfs33JDLBAPy7AB>

ENTOMOLOGIA NA MÚSICA: INSETOS E ÁLBUNS DE ROCK
Matheus Carneiro Heinzelmann (UEG) & Ana Beatriz Cruz da Silva (UERJ)

Bandas e artistas frequentemente recorrem aos insetos como inspiração para letras, títulos de músicas e capas de álbuns.

 Jar of Flies (Alice in Chains, 1994) Diptera	 I'm With You (RHCP, 1994) Diptera	 Fly on the Wall (AC/DC, 1985) Diptera	 Brand New Eyes (Paramore, 2009) Lepidoptera	 LeftRightLeftRightLeft (Coldplay, 2009) Lepidoptera	 Cirice (Ghost, 2015) Lepidoptera	 Face to Face (The Kinks, 1966) Lepidoptera	 Tears Roll Down (Tears for Fear, 1992) Insecta
 Departure (Journey, 1980) Coleoptera	 Captured (Journey, 1981) Coleoptera	 Escape (Journey, 1981) Coleoptera	 The Bees Made Honey in the Lion's Skull (Earth, 2008) Hymenoptera	 Systematic Chaos (Dream Theater, 2007) Hymenoptera	 Metamorphosis (Rolling Stones, 2007) Insecta	 Welcome to my Nightmare (Alice Cooper, 1975) Insecta	 Led Zeppelin III (Led Zeppelin, 1970) Insecta



Resumos e capturas de tela da apresentação

UM SAPINHO SURDO DA MATA ATLÂNTICA E A LISAS - LÍNGUA DE SAPO DE SINAIS

Júlia Mayer de Araujo* & Bruno Baptista dos Santos

UFRJ

*juliamayera@gmail.com

Palavras-chave: comunidade surda; educação museal; museu de ciência.

A pesquisa teve início em abril de 2024, em comemoração do Dia Nacional da Libras, a Língua Brasileira de Sinais, pensando uma visita com o tema “Cultura Surda” dentro da exposição principal do Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Há uma área expositiva chamada “Cubo da Vida”, onde há a representação de espécies da Mata Atlântica em seu interior. Durante a pesquisa sobre a temática de surdez em outros animais, foi encontrada uma espécie endêmica de anuro da Mata Atlântica chamada sapinho-pingo-d’ouro (*Brachycephalus ephippium* – Anura: Brachycephalidae), que é uma espécie que já nasce surda devido à ausência de tímpano. Como uma proposta de interação com os visitantes, foi apresentada a espécie e, ao se perguntar como o sapinho se comunica com seus pares sendo surdo, foi apresentado o conceito de Lisas, a Língua de Sapo de Sinais. Uma brincadeira realizada pelos educadores museais para comparar os parâmetros da Libras com a forma de comunicação desse sapo que também é visual, envolvendo observar a vibração de seu corpo durante o canto, bater com as patas no chão, passar as patas nos olhos e ter bioluminescência. Apesar da Lisas existir somente no contexto educativo, ela causou muita curiosidade entre os visitantes por se conhecer uma nova espécie que já nasce surda e poder perceber as variedades de comunicação de seres surdos para além dos humanos.

UM SAPINHO SURDO DA MATA ATLÂNTICA E A LISAS - LÍNGUA DE SAPO DE SINAIS





Autores: Bruno Baptista e Júlia Mayer

<https://youtu.be/-QhNqY9ydsg?si=CMG7tC6CdMbfmBYZ>



OS MASCOTES DO CAMPEONATO PAULISTA DE FUTEBOL DE 2024

André Neri Tomiate

UNESP

andretomiate.ant@gmail.com

Palavras-chave: Federação Paulista de Futebol; São Paulo; zoologia.

O Campeonato Paulista de futebol masculino é organizado pela Federação Paulista de Futebol (FPF) e apresenta as seguintes divisões: A1, A2, A3, A4 e 2ª divisão. O objetivo do presente estudo consistiu em realizar um levantamento dos mascotes e suas categorias zoológicas de todos os clubes em divisões do Campeonato Paulista de futebol masculino no ano de 2024. Para isso foram utilizados como base de dados o site da FPF, os guias oficiais do Campeonato Paulista e o site dos próprios clubes. Foram analisados 82 clubes dentre todas as divisões do Campeonato Paulista de futebol masculino, sendo totalizados 83 mascotes, sendo eles categorizados nos grandes grupos: 36 mamíferos não-humanos, 20 aves, 20 humanos e humanóides, três maquinários, duas criaturas místicas e dois répteis. Dos mascotes analisados, 69% correspondem a animais não-humanos. Dentre os mamíferos destacam-se 23 da ordem Carnívora, 11 da superordem dos Ungulados, um exemplar da ordem Lagomorpha, um da ordem dos Primatas. Entre as aves, consistem em sete Galliformes, seis Accipitriformes, cinco Passeriformes e dois Psittaciformes. Dos répteis, um jacaré-do-papo amarelo (*Caiman latirostris* – Crocodilia: Alligatoridae) e uma serpente. As criaturas místicas não foram consideradas animais, mas ainda assim apresentam inspirações na zoologia, a exemplo do dragão chinês e da fênix. Foram identificados 17 animais domesticados, e, em contrapartida, 41 animais são selvagens. Entretanto, dos animais selvagens identificados, 28 são estrangeiros e 13 são nativos. Concluímos que a maioria dos mascotes dos times do Campeonato Paulista de futebol de 2024 apresentam inspirações na zoologia e vale destacar que os mais comuns são animais selvagens de origem estrangeira, a exemplo do leão (*Panthera leo* – Carnívora: Felidae), águia-de-cabeça-branca (*Haliaeetus leucocephalus* – Accipitriformes: Accipitridae) e tigre (*Panthera tigris*).



Os mascotes do Campeonato Paulista de Futebol de 2024

André Neri Tomiate¹

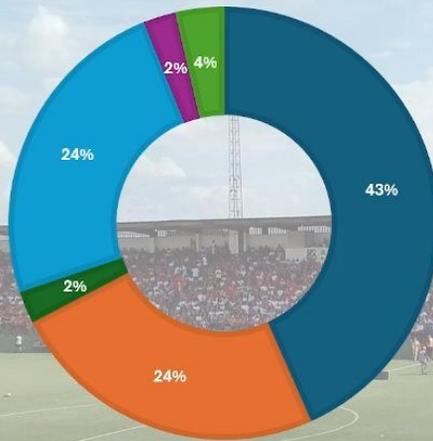
¹UNESP

andretomiate.ant@gmail.com

Resultados

CATEGORIAS DE MASCOTES

■ Mamíferos Não-Humanos ■ Aves ■ Réptes ■ Humanos e Humanoides ■ Criaturas Místicas ■ Maquinários



Os mamíferos destacam-se

23 da ordem Carnívora

11 da superordem dos Ungulados

1 da ordem Lagomorfa

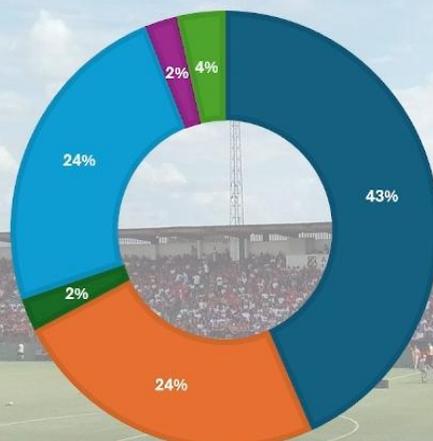
1 da ordem dos Primatas.

https://youtu.be/Qc_4bb_j7PY?si=LUZ1q59Jh9jtuG6s

Resultados

CATEGORIAS DE MASCOTES

■ Mamíferos Não-Humanos ■ Aves ■ Réptes ■ Humanos e Humanoides ■ Criaturas Místicas ■ Maquinários



Foram identificados 17 animais domesticados, e 41 animais são selvagens.

Dos animais selvagens identificados, 28 são estrangeiros e 13 são nativos.

01:53



AS ADAPTAÇÕES EM *ALIEN: ROMULUS*

André Neri Tomiate* & Felipe Fonseca

UNESP

*andretomiate.ant@gmail.com

Palavras-chave: casulo; *facehugger*; zoologia.

ALIEN consiste em uma série de filmes de ficção científica que possui como temática central uma espécie de alienígena parasita. Esse tem o design realizado por Hans Ruedi Giger e apresenta inspirações orgânicas e mecânicas para a composição das características físicas do organismo. A espécie alienígena apresenta estágios do desenvolvimento bem definidos: ovo, *facehugger*, *chestbuster*, xenomorfo ou rainha. No filme *ALIEN: ROMULUS* (2024), um grupo de jovens adentra uma estação espacial abandonada, a qual possuía um laboratório de pesquisa para desenvolvimento e criação da espécie alienígena e, por conta de falta de energia, os organismos acabam liberados. Portanto, o objetivo do presente estudo foi caracterizar os aspectos biológicos que *ALIEN: ROMULUS* acrescenta à franquia, a partir da metodologia de análise de conteúdo. Os novos componentes presentes no filme consistem na presença de uma estrutura biológica semelhante a um “casulo” que serve para a proteção do alienígena em fase adulta, ou seja, como xenomorfo esse pode espirrar uma substância ácida em caso de perturbação. Enquanto outro elemento novo à franquia consiste na explicação sobre o comportamento do *facehugger*, essa fase visa parasitar um organismo e, para isso precisa, introduzir uma probóscide pela cavidade oral do possível hospedeiro. Em outros momentos da franquia era sugerido que a orientação desse estágio consistia na identificação de gases liberados ou mesmo a partir da identificação do campo eletromagnético dos outros organismos, visto que o *facehugger* não apresenta estruturas para a formação de imagens. Entretanto, a partir desse filme, fica evidente que a orientação é a partir das vibrações sonoras. Concluímos que o filme *ALIEN: ROMULUS* trouxe novos aspectos biológicos para a franquia, como a presença do casulo e das explicações sobre o comportamento do *facehugger*.



As Adaptações em Alien: Romulus

André Neri Tomiate e Felipe Fonseca

Resultados

- Os novos componentes presentes no filme consistem na presença de uma estrutura biológica semelhante a um “casulo” que serve para a proteção do alienígena em fase adulta, ou seja, como xenomorfo, este pode espirrar uma substância ácida em caso de perturbação.
- Enquanto outro elemento novo à franquia consiste na explicação sobre o comportamento do *facehugger*, esta fase visa parasitar um organismo, e para isso precisa introduzir uma probóscide pela cavidade oral do possível hospedeiro.
- Em outros momentos da franquia era sugerido que a orientação desse estágio consistia na identificação de gases liberados, ou mesmo a partir da identificação do campo eletromagnético dos outros organismos, visto que o *facehugger* não apresenta estruturas para a formação de imagens. Entretanto, a partir desse filme, fica evidente que a orientação é a partir das vibrações sonoras.

https://youtu.be/2JaG0GGCajA?si=aQ_mTimG8-StczKF

Conclusão

Concluimos que o filme *Alien: Romulus* trouxe novos aspectos biológicos para a franquia, como a presença do casulo e das explicações sobre o comportamento do *facehugger*.



A ZOOLOGIA EM *CRIADOR DE ESTRELAS*, DE OLAF STAPLEDON

André Neri Tomiate

UNESP

andretomiate.ant@gmail.com

Palavras-chave: aracnídeos; equinodermas; ficção científica.

O livro de ficção científica *CRIADOR DE ESTRELAS* (1937), de Olaf Stapledon, apresenta como enredo a história de um homem inglês que se deita em um monte para ver a noite estrelada e acaba viajando pelo espaço-tempo em um estado espiritual. A partir disso explora diversas regiões do universo e visualiza a história e evolução de espécies alienígenas. A cada encontro com vida inteligente, o protagonista passa a ser acompanhado por quem o recebe no planeta e seguem com o intuito de encontrar o criador do universo. O objetivo do presente estudo consistiu em caracterizar as principais inspirações biológicas no âmbito de zoologia citados no livro e, para isso, foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo. No livro, os organismos ficcionais citados tendem a ser a vida inteligente predominante no planeta, equivalente aos seres humanos na Terra. Em alguns casos inclusive com semelhanças físicas, como a postura bípede, dois membros superiores e dois inferiores. A exemplo dos “outros homens”, “homem pássaro” e “homem pinguim”, que apresentam características humanoides misturadas a aves, e os “homens marinhos”, que possuem atributos de equinodermas. Entretanto, outros organismos não são assemelhados aos seres humanos, mas apresentam em algum grau fundamentação em aspectos zoológicos, a exemplo dos que são semelhantes a nautilóides, aracnídeos e equinodermas. Portanto, para a formação das raças alienígenas ficcionais houve inspirações em organismos completos ou mesmo características biológicas específicas de diferentes espécies, além de relações ecológicas complexas entre os organismos dominantes de determinados planetas. Concluímos que essas características zoológicas apresentadas servem para familiarizar o leitor sobre as espécies apresentadas e demonstrar a discrepância com os humanos.



A Zoologia em “Criador de Estrelas” de Olaf Stapledon

André Neri Tomiate¹

UNESP

Introdução

- ★ O livro de ficção científica “Criador de Estrelas” (1937) de Olaf Stapledon

Consiste na história de um homem inglês que ao se deita em um monte para ver a noite estrelada e acaba viajando pelo espaço-tempo em um estado espiritual.

- ★ A partir disso explora diversas regiões do universo e visualiza a história e evolução de espécies alienígenas, a cada encontro com vida inteligente, o protagonista passa a ser acompanhado por quem o recebe no planeta e seguem com o intuito de encontrar o criador do universo.



<https://youtu.be/OJ4a5COi0Ww?si=WSsk3IRP4VNWYGFC>



Resultados

- ★ Os organismos ficcionais citados tendem a ser a vida inteligente predominante no planeta equivalente aos seres humanos na Terra,

Semelhanças físicas com humanos, como a postura bípede, dois membros superiores e dois inferiores. A exemplo dos “outros homens”, “homem pássaro” e “homem pinguim” que apresentam características humanoides misturadas à aves, e os “homens marinhos” que possuem atributos de equinodermas.

- ★ Outros organismos não são assemelhados aos seres humanos, mas apresentam em algum grau fundamentação em aspectos zoológicos, a exemplo dos que são semelhantes à nautilóides, aracnídeos e equinodermas.

- ★ Para a formação das raças alienígenas ficcionais houve inspirações em organismos completos ou mesmo características biológicas específicas de diferentes espécies, além de relações ecológicas complexas entre os organismos dominantes de determinados planetas.



A VIDA NO JARDIM: UM OLHAR SOBRE AS ARANHAS DE *GROUND*

Lohan dos Santos Silva^{1*} & Emily Vitória Ferreira dos Santos²

¹MNRJ/UFRJ; ²UFRRJ

*lohansantos@id.uff.br

Palavras-chave: ensino; jogo; zoologia.

GROUNDÉ é um jogo desenvolvido pela Obsidian Entertainment, no qual o jogador assume o papel de uma criança encolhida, sobrevivendo em um jardim. Entre os desafios presentes no jogo, destacam-se as aranhas, que desempenham um papel central na sobrevivência dos jogadores. A Aranha-Lobo, por exemplo, é baseada nas aranhas do gênero *Lycosa* (Lycosidae); ela apresenta um comportamento errante e predatório, perseguindo os personagens a grandes distâncias. Já a Aranha-Tecedeira foi inspirada em aranhas dos gêneros *Nephila* e *Trichonephila* (Araneidae), utilizando grandes teias para capturar suas presas. A Viúva-Negra, representante do gênero *Latrodectus* (Theridiidae), é a mais perigosa do jogo. Com um veneno letal, ela possui um comportamento defensivo e é encontrada em suas teias pelo jogo. Por fim, a Aranha-Mãe da Sebe, inspirada nas do gênero *Gasteracantha* (Araneidae), que popularmente chamado de aranha-espinhosa, é apresentada como um chefe do jogo, ficando em seu ninho, que é um grande “orbe” feito de teia. As aranhas em GROUNDÉ compartilham características de caça e defesa com suas contrapartes reais. Elas patrulham ou permanecem perto de suas áreas (teias ou ninhos) e atacam quando o jogador se aproxima. Na realidade, as aranhas não são perigosas; uma das exceções é a viúva-negra (*Latrodectus*), pois há presença de neurotoxinas em seu veneno. No jogo, ela é retratada como a mais perigosa das aranhas e seu veneno pode ser mortal. A utilização de elementos da fauna real em produções midiáticas desempenha um papel crucial na desmistificação de espécies. Ao recriar aspectos da vida selvagem, essas obras contribuem para a conscientização pública sobre a natureza e oferecem recursos para identificar diferentes táxons, visando o ensino de zoologia por meio da comunicação social.



A vida no jardim:

UM OLHAR SOBRE AS ARANHAS DE GROUNDÉ



EMILY VITÓRIA FERREIRA DOS SANTOS (UFRRJ);
LOHAN DOS SANTOS SILVA (MNRJ/UFRJ).
ARACNO-UERJ, DPT DE ZOOLOGIA DE INVERTEBRADOS



FONTE GROUNDED

FONTE GROUNDED



FONTE GROUNDED

<https://youtu.be/PCNkHBejJ8Y?si=QC-vhPJp3pLMQPLv>

ARANHA-LOBO (LYCOSA)

FONTE GROUNDED



FONTE INATURALIST



FONTE I.PINIMG



FONTE INATURALIST



AQUÁRIO DA UNILA, UM ESPAÇO DE CONTEMPLAÇÃO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Elaine Soares*; Alberto Paniagua; Luiz Roberto Faria Junior; Matheus Luft & Vinicius Silva

UNILA

elainedgs@gmail.com

Palavras-chave: aulas práticas; educação ambiental; ensino de zoologia.

Aquários ornamentais podem ser recursos didáticos abrangentes que, além do valor estético, promovem a educação ambiental, ao permitir a interação com organismos vivos dificilmente observados na natureza, suas formas, comportamentos e diversidade. Além de contribuir com o bem estar dos usuários e visitantes do Laboratório de Biodiversidade, nossos aquários de água doce são utilizados para a sensibilização da comunidade interna e externa para a conservação de ambientes aquáticos, reconhecimento de fauna, flora e microbiota, interações ecológicas, entre outros. A partir dos aquários promovemos oficinas, fornecemos material (plantas, protozoários, microrganismos e pequenos animais, como rotíferos e gastrótricos). Como material de apoio, usamos uma pequena coleção de invertebrados aquáticos, lupas mágicas e material lúdico impresso, além de uma peça teatral, que esteve em cartaz em 2023. Além disso, quando o número de visitantes é muito grande, fazemos parceria com outros projetos de extensão, para ampliar a experiência pedagógica/cultural. A atividade do aquário começou há 2,5 anos, como enriquecimento ambiental do laboratório, campo de pesquisa, apoio às aulas de Zoologia e seu ensino (entre outras), e um local para que as crianças filhas da comunidade acadêmica tivessem um espaço de visitação especialmente voltado para elas. Assim, recebemos as famílias de docentes, discentes e técnicos das mais variadas áreas do conhecimento. Além disso, atendemos turmas de estudantes de ensino fundamental, médio, técnico e superior, com linguagem e temáticas sempre adequadas ao público alvo. A cada visita recebemos diversas perguntas instigantes, desenhos e comentários interessantes, além de largos sorrisos.

Financiamento: PROEX-UNILA, Fundação Araucária.

00:00:01

Aquário da UNILA



<https://youtu.be/-0-crZ3fZyl?si=9f88WFdZw85Qyw-x>



QUANDO TATUS, ARAÇARIS, CURICACAS E TEIÚS VÃO À IGREJA

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

UNIRIO

elidiomar@gmail.com

Palavras-chave: catolicismo; fauna nativa; inclusão; representatividade animal.

Um dos maiores templos neogóticos do mundo, a Catedral Metropolitana de São Paulo, mais conhecida como Catedral da Sé, está localizada na Praça da Sé, no centro da cidade de São Paulo. Sua origem remonta a 1591, mas a atual configuração da Catedral, de estilo eclético, foi construída entre 1913 e 1954. Um dos principais marcos religiosos da metrópole, a Catedral também é muito procurada por sua arquitetura e, independentemente das questões religiosas em si, a magnitude do templo impressiona, com uma profusão de detalhes e acabamentos imponentes. Quem, logo no salão de entrada, resolve olhar para o alto tem a oportunidade de contemplar esculturas de quatro grupos zoológicos nativos da localidade, como que uma forma de aproximar o catolicismo chegado ao Novo Mundo com os valores da terra. Segundo a literatura, seriam tatus, tucanos, garças e lagartos. O tatu (Cingulata) está presente em três pontos e, aparentemente e à distância, apresenta nove cintas, o que pode indicar a representação da espécie *Dasyus novemcintus* (Dasypodidae), o tatu-galinha, um dos cinco tatus de ocorrência em São Paulo. Já o tucano (Piciformes: Ramphastidae), esculpido em três duplas, pelo tamanho relativo do bico lembra bem mais um araçari, ave com dois gêneros – *Pteroglossus* e *Selenidera* - e quatro espécies ocorrendo em São Paulo. A suposta garça, representada em dupla em dois locais e de modo solitário em um, tem bico comprido e curvado, sendo mais assemelhada ao grupo das curicacas (Pelecaniformes: Threskiornithidae), representado em São Paulo por cinco espécies. Por fim, o lagarto, esculpido em dois locais, provavelmente representa o teiú (Sauria: Teiidae), com dois gêneros – *Tupinambis* e *Salvator* – e três espécies de ocorrência em território paulista.



QUANDO TATUS,
ARAÇARIS, CURICACAS
E TEIÚS VÃO À IGREJA



Elidiomar Ribeiro da Silva

Araçaris: 4 spp em SP

- Pteroglossus bailloni*
- Pteroglossus aracari*
- Pteroglossus castanotis*
- Selenidera maculirostris*



https://youtu.be/KouRph0eW_o?si=017FXjF0i0vrw4HQ



PAPAGAIOS (PSITTACIDAE), TUCANOS (RAMPHASTIDAE) E PICA-PAUS (PICIDAE) SÃO OS “PASSARINHOS” MAIS APRECIADOS PELAS FAMÍLIAS RURAIS EM SAN PEDRO, MISIONES, ARGENTINA

Eugenia Bianca Bonaparte

UNILA / Proyecto Selva de Pino Paraná / Grupo ornitologíaS
ebbonaparte@gmail.com

Palavras-chave: conservação; nidificação em cavidades; sistemas socioecológicos.

Em agroecossistemas familiares (chácaras), as atitudes das pessoas em relação à biodiversidade e suas práticas de manejo da terra influenciam a diversidade de aves na paisagem. As aves que nidificam em cavidades de árvores constituem um grupo taxonomicamente diverso, com espécies culturalmente importantes e que prestam serviços ecossistêmicos essenciais. Na floresta subtropical mista de *Araucaria angustifolia* (Araucariaceae) da Argentina, cerca de 70 espécies de aves nidificam em cavidades de árvores, sendo que muitas delas ocorrem em chácaras. Neste trabalho, busquei identificar as espécies de aves que fazem ninhos em cavidades mais relevantes do ponto de vista cultural e ecológico em chácaras na região central de Misiones. Realizei entrevistas com 47 adultos e atividades de listas livres e desenhos com 236 jovens escolarizados, além de analisar as características das cavidades e árvores de nidificação e disponíveis em diferentes ambientes. Para as análises, usei uma abordagem de métodos mistos, quantitativos e qualitativos. Nas chácaras, as cavidades usadas para nidificação por toda a comunidade de aves foram geradas principalmente por pica-paus (Picidae) em árvores nativas. Papagaios (Psittacidae), tucanos (Ramphastidae) e pica-paus foram os grupos mais frequentemente mencionados e associados à nidificação em cavidades. Tanto os adultos quanto os jovens tiveram atitudes predominantemente positivas em relação às espécies de aves dessas famílias, que estão muito presentes no imaginário coletivo das famílias agricultoras. O valor cultural e ecológico dessas aves na área incentiva o seu uso em mensagens e ações de conservação, que aproveitariam as percepções positivas já mantidas pelas famílias da região e beneficiariam toda a comunidade de aves que nidificam em cavidades.

**Papagaios (Psittacidae), tucanos (Ramphastidae)
e pica-paus (Picidae) são os “passarinhos”
mais apreciados pelas famílias rurais em
San Pedro, Misiones, Argentina**

Bianca Bonaparte

Pós-doutoranda
PPGBN, UNILA
ebbonaparte@gmail.com





AS AVES NOS AGROECOSSISTEMAS FAMILIARES



<https://youtu.be/1ANKdsz3D64?si=VQZfhj2-vhqsFNEZ>

CONCLUSÃO GERAL

O valor cultural e ecológico dessas aves na área incentiva o seu uso em mensagens e ações de conservação:

Espécies ou famílias bandeira

- Baseado em percepções positivas que as pessoas já têm sobre essas famílias de aves e promove seu engajamento em ações de conservação.
- Ajuda no reconhecimento em nível de espécie, mesmo daquelas que não são vistas com tanta frequência nas chácaras



Eugenia Blanca Bonaparte





NOS BICHOS EU BOTO FÉ – A REPRESENTAÇÃO ANIMAL EM SANTOS DA IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

UNIRIO

elidiomar@gmail.com

Palavras-chave: catolicismo; resistência; zoologia cultural.

A zoologia cultural é calcada na presença simbólica dos animais nas mais distintas manifestações da cultura humana. Delas, as religiões estão entre as mais destacadas, não como profissão de fé, posto que isso é algo de foro íntimo e pessoal, mas como tremenda fonte para se identificar a influência animal. Representando uma das mais professadas religiões do planeta, a presença simbólica dos bichos em templos católicos é notável, sendo que alguns elementos zoológicos costumam ter destaque. A partir da análise visual das imagens de santos expostas na parte sujeita à visitação da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, na região do Centro Histórico do município de São Paulo, SP, são aqui mencionados os bichos representados, bem como seus respectivos companheiros santificados. São eles a cobra (Serpentes) pisada por Nossa Senhora Desatadora de Nós, o cão (Carnivora: Canidae) parceiro de São Roque e o que lambe as feridas de São Lázaro, o corvo (Passeriformes: Corvidae) pisado por Santo Expedito, o mitológico dragão e o cavalo (Perissodactyla: Equidae) de São Jorge, além de um pombo (Columbiformes: Columbidae) no ombro de São Francisco de Assis. Há outros pombos retratados na igreja, bem como cordeiros (Cetartiodactyla: Bovidae), faltando apenas o peixe para completar a tríade de animais mais comumente representados nos espaços católicos. Há ainda a presença de outras santas associadas a animais, quer seja pela liturgia oficial ou pela religiosidade popular, mas que estão sozinhas nas imagens; são os casos de Nossa Senhora da Penha e Santa Luzia, respectivamente. Vale realçar que esse templo, além de local de culto ao sagrado, é considerado reduto de força e resistência do povo preto paulistano.

Nos bichos eu boto fé –
A representação animal
em santos da
Igreja Nossa Senhora
do Rosário dos Homens Pretos



Elidiomar Ribeiro da Silva



<https://youtu.be/JorXGA31p3Q?si=jjhb200FhFHpfCSI>



**CINEMA JOGADO ÀS TRAÇAS: POSSIBILIDADES DE USO DO FILME
*TECA E TUTI: UMA NOITE NA BIBLIOTECA PARA POPULARIZAÇÃO DA ORDEM ZYGENTOMA***

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

UNIRIO

elidiomar@gmail.com

Palavras-chave: animação; divulgação; entomologia cultural.

Cerca de 70% das espécies animais e mais da metade dos seres vivos são insetos - as criaturas dominantes no planeta. Desempenhando importantes papéis ecossistêmicos, mesmo assim não costumam figurar entre os grupos zoológicos de maior popularidade. Muito pelo contrário, de modo geral os insetos são mal vistos pela população, o que torna bem-vindas todas as tentativas de se reverter esse quadro. A animação *TECA E TUTI: UMA NOITE NA BIBLIOTECA* (2024) gira em torno da jovem traça Teca, que vive em uma caixa de costura com sua família, incluindo Tuti (o ácaro de estimação). Insetos ectognatos, ametábolos e ápteros, as traças-de-livro pertencem à ordem Zygentoma, que já foi parte do táxon Thysanura, e variam de 2 a 20 mm de comprimento, tendo corpo geralmente achatado e, em muitos casos, coberto por escamas. Os integrantes da família Lepismatidae são cosmopolitas, principalmente pantropicais, sendo comuns em depósitos bibliográficos, eventualmente causando prejuízos por se alimentarem de substâncias amiláceas e celulose, presentes em cola de encadernação, tinta e no próprio papel dos livros e documentos, além de tecidos de origem vegetal, grãos armazenados e farinhas. No Brasil, estão registrados seis gêneros e dez espécies vivas dessa família. De modo interessante, Teca é morfologicamente semelhante aos adultos da sua família, o que está de acordo com o padrão de desenvolvimento ametábolo dos insetos inspiradores reais, e, durante as aventuras, os danos causados aos livros são mostrados, porém sem vilanizar os personagens. Assim, o filme pode ser um interessante objeto de uso em sala de aula ou em atividades de divulgação científica para se falar de aspectos da biologia e do comportamento das traças-de-livro.

Cinema jogado às traças:
possibilidades de uso do filme *Teca e Tuti: uma noite na biblioteca* para popularização da ordem Zygentoma



Elidiomar Ribeiro da Silva



<https://youtu.be/mSuzJ5aN7AE?si=Vlpu7quAqclaoUtA>



Fontes:

- <https://www.flickr.com/photos/finklez/3765457233>
- <https://www.flickr.com/photos/48991563@N06/9678157343>
- https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lepisma_tidae_Ctenolepisma_longicaudata_9809s.jpg



BIG REPUTATION! A RESSIGNIFICAÇÃO DA IMAGEM DE TAYLOR SWIFT E A SIMBOLOGIA DAS COBRAS

Maria Eduarda de Paiva Souza

UFRJ

mepsouza197@gmail.com

Palavras-chave: serpente; renovação; simbolismo.

Em 2016, a cantora Taylor Swift se afastou das redes sociais após passar por um processo de "cancelamento", impulsionado por diversos artistas. Durante esse período, a imagem pública da cantora foi associada ao emoji de cobra, um animal que, para muitas pessoas, carrega um estigma negativo devido à sua representação em diversos contextos culturais, como filmes, mitologias, religiões e lendas. No entanto, as serpentes também podem ser retratadas de maneira positiva. Um exemplo disso é a Mitologia Grega, em que as cobras se tornaram símbolos de medicina, representando renovação, sabedoria e cura. Em 2017, Taylor Swift retornou às redes sociais, aceitando ser associada à imagem da cobra e adotando o animal como símbolo oficial de seu álbum REPUTATION. Tanto no clipe de "Look What You Made Me Do", quanto na decoração dos palcos da turnê do álbum, a cantora passou a usar a imagem de diversas serpentes, peçonhentas ou não. Entre elas, destacam-se as cobras najas (Elapidae), conhecidas pela alta toxicidade de sua peçonha e também pelo característico capelo, que se tornaram o mascote da turnê. Outra cobra que ganhou destaque foi quando a cantora retornou às redes sociais e iniciou o anúncio do novo clipe, utilizando um gif em que uma serpente aparecia dando bote; embora tenha sido criada por computação gráfica, muitas características do animal se assemelham às serpentes víboras (Viperidae). Essa escolha transformou a percepção do público sobre as cobras, que passaram a reconhecer que, embora esse animal deva ser tratado com cautela, ele também simboliza renovação, astúcia e a força da própria artista.



A representação negativa das serpentes na cultura popular:



Filme: Anaconda 3 Fonte: TV POP

- Imagem das cobras sendo associadas ao perigo, falsidade e etc;
- Reforçando estereótipos negativos;
- Um exemplo é a franquia Anaconda.

https://youtu.be/HOeJkaFO_lk?si=080dJU8c9m6Pe8p9

Look you made me do

- Roupas e acessórios;
- Imagens de serpentes;
- A gaiola e o rato;
- Como o público recebeu essa imagem;
- Clipe, álbum e turnê.



Fonte: Taylor Swift/VEVO





CANÇÕES E INSETOS: UMA VIAGEM PELA ZOOLOGIA CULTURAL NO ENSINO INFANTIL

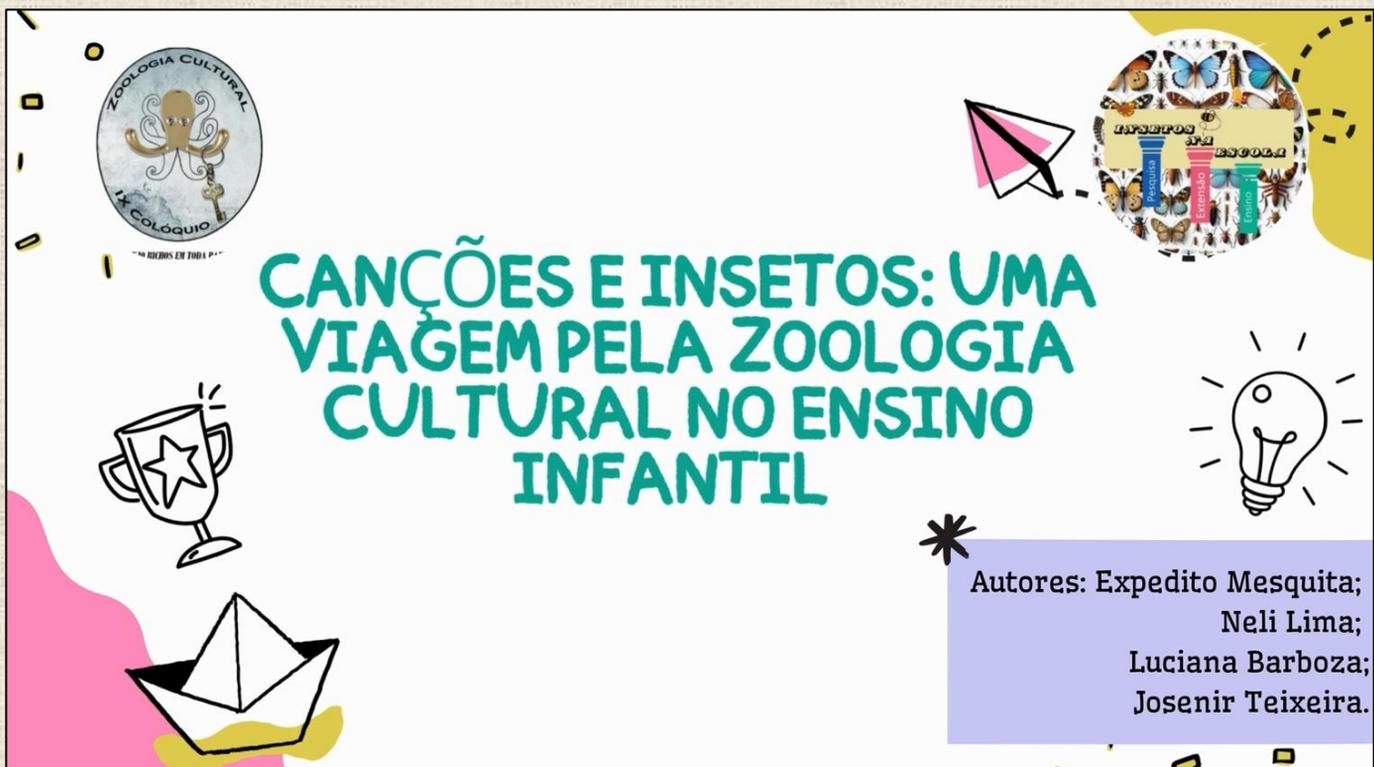
Expedito Mesquita Frazão da Silva; Neli Lima Coelho; Luciana Barboza Silva & Josenir Teixeira Câmara*

UFPI

*josenircamara@ufpi.edu.br

Palavras-chave: educação lúdica; entomologia cultural; insetos na cultura.

Os vídeos do canal JUNYTONY – CANÇÕES INFANTIS oferecem uma abordagem lúdica e inovadora para ensinar biologia às crianças, com a faixa etária de 3 a 6 anos, explorando o universo dos insetos e sua importância ecológica. Com músicas do gênero infantil que são cativantes e com animações vibrantes, os episódios traduzem conceitos científicos complexos em conteúdos acessíveis, promovendo a valorização dos insetos no equilíbrio ambiental. Este trabalho analisou episódios do canal sobre a biologia dos insetos, avaliados pelos critérios de conteúdo científico, acessibilidade e impacto educativo. Cada vídeo aborda temas específicos. Em “Insetos Procurando um Par”, são destacadas estratégias de reprodução e comunicação. “Insetos Legais e Insetos Prejudiciais” ensina a diferenciar espécies benéficas, como abelhas (Hymenoptera), de pragas, como mosquitos (Diptera). “Camuflagem de Insetos: Esconde-Esconde” explora adaptações morfológicas e comportamentais, exemplificando com o bicho-pau (Phasmida) e a borboleta-folha (Lepidoptera), enquanto “Insetos Aquáticos” aborda o papel desses insetos nos ambientes hídricos. “De Lagarta para Borboleta” explica a metamorfose, destacando os ciclos de vida, e “Besouro que Come Cocô” enfatiza o papel ecológico dos besouros (Coleoptera) como decompositores. Além de ensinar biologia, os vídeos incentivam o reconhecimento dos insetos, estimulando uma mudança de perspectiva nas crianças. Para os professores, oferecem uma alternativa metodológica e pedagógica enriquecedora, que une música, narrativas e ilustrações, transformando o ensino em uma experiência criativa e marcante. Ao integrar elementos culturais e educativos, JUNYTONY alia arte e ciência, despertando a curiosidade científica, promovendo conscientização ambiental e conectando os alunos.



*
Autores: Expedito Mesquita;
Neli Lima;
Luciana Barboza;
Josenir Teixeira.

RESULTADOS



Insetos Procurando um Par | Insetos | Música Infantil | JunyTony



Camuflagem de Insetos | Esconde-Esconde | Insetos Legais | Música Infantil | JunyTony

<https://youtu.be/Kg-I34ii5Ew?si=DoZ1BfG5IMA8fEvs>

RESULTADOS

Transformando o Ensino

Os vídeos vão além de ensinar biologia básica: eles incentivam o reconhecimento e a valorização dos insetos, promovendo uma mudança de perspectiva nas crianças. Para os professores, oferecem uma abordagem metodológica e pedagógica inovadora, unindo música, narrativas cativantes e ilustrações vibrantes.

Benefícios



Incentivar o aluno

Mudança de perspectiva

Metodologia alternativa





INFLUÊNCIA DIGITAL E ZOOLOGIA CULTURAL: EXPLORANDO O ENSINO DE BIOLOGIA POR MEIO DE VÍDEOS EDUCATIVOS

Expedito Mesquita Frazão da Silva; Neli Lima Coelho; Luciana Barboza Silva & Josenir Teixeira Câmara*
UFPI

*josenircamara@ufpi.edu.br

Palavras-chave: influenciadores digitais; mídias; popularização da ciência.

O ensino de Biologia enfrenta o desafio de transformar conteúdos complexos em experiências significativas. Nesse contexto, plataformas como YOUTUBE SHORTS e TIKTOK têm revolucionado a comunicação científica, oferecendo formatos dinâmicos para disseminar conceitos de zoologia. Esses vídeos democratizam o acesso ao conhecimento, engajam públicos diversos e fortalecem uma cultura científica alinhada às dinâmicas digitais. Este estudo avaliou o impacto dos vídeos curtos, com duração de 3 a 5 minutos, na divulgação científica, com foco em zoologia, por meio da análise de conteúdo de vídeos de influenciadores educativos nas plataformas TIKTOK e YOUTUBE SHORTS. Foram avaliados critérios como acessibilidade do vocabulário, precisão científica, uso de elementos visuais, engajamento (curtidas, compartilhamentos, comentários e números de seguidores), data de publicação (janeiro até setembro de 2024) e clareza conceitual dos vídeos para a escolha dos Influenciadores digitais. A maioria dos 35 vídeos analisados apresentou informações corretas e acessíveis, utilizando animações e imagens de alta qualidade. Entretanto, alguns conteúdos mostraram imprecisões ou sensacionalismo, destacando o risco de desinformação. Vídeos com abordagem criativa e linguagem simplificada geraram maior engajamento. Temas populares incluíram curiosidades comportamentais, impacto ambiental e características únicas de animais, inserindo os animais no imaginário cultural de forma positiva. Além disso, o ambiente das plataformas permite a troca de ideias e construção coletiva de conhecimento, promovendo maior autonomia no aprendizado. Concluímos que vídeos curtos são ferramentas eficazes para popularizar a ciência e ensinar zoologia, desde que baseados em informações confiáveis e didáticas. A combinação de apelo visual, precisão e concisão é essencial para o sucesso na comunicação científica, transformando a valorização e o aprendizado da ciência em experiências educativas.



INFLUÊNCIA DIGITAL E ZOOLOGIA CULTURAL: EXPLORANDO O ENSINO DE BIOLOGIA POR MEIO DE VÍDEOS EDUCATIVOS



Autores: Expedito Mesquita;
Neli Lima;
Luciana Barboza;
Josenir Teixeira.



OBJETIVOS



Avaliar o impacto dos vídeos curtos, com duração de 3 a 5 minutos, na divulgação científica, com foco em zoologia, por meio da análise de conteúdo de vídeos de influenciadores educativos nas plataformas TikTok e YouTube Shorts.



<https://youtu.be/-5zJmHDTMBM?si=LSjA4ncmdMtl3an5>



RESULTADOS

A maioria dos vídeos analisados (cerca de 35) apresentou informações corretas, com animações de qualidade, mas alguns exibiram imprecisões ou sensacionalismo. Conteúdos criativos e simplificados geraram mais engajamento, com destaque para temas como curiosidades, impacto ambiental e características únicas de animais, promovendo aprendizado interativo e autonomia.



A RELAÇÃO ENTRE INSETOS E DEUSES DA MITOLOGIA

Jéssica Karina Mesquita Vieira*; Matheus Carneiro Heinzelmann; João Pedro Ramos Alves & Kallebe Henrique Sousa Silva

UEG

*jessicaridlle12345@gmail.com

Palavras-chave: Arthropoda; cultura; espiritualidade; simbologia.

Os insetos estão presentes em abundância em ecossistemas terrestres, subtropicais e temperados, e, devido à sua grande diversidade de formas e comportamentos, têm sido fontes de inspiração para a arte e a cultura desde os tempos antigos. Este estudo objetiva explorar a relação simbólica entre insetos e divindades em diversas mitologias, destacando como essas criaturas, apesar de pequenas, desempenharam papéis significativos na construção de narrativas culturais e espirituais ao longo da história humana. Insetos como escaravelhos (Coleoptera), borboletas (Lepidoptera), abelhas, formigas (Hymenoptera), louva-a-deus (Mantodea), libélulas (Odonata) e cigarras (Hemiptera) são frequentemente representados em mitos e tradições por seus atributos ecológicos e simbólicos. No Egito Antigo, o escaravelho (Scarabaeidae), associado ao deus Khepri, simbolizava o ciclo da vida, morte e renascimento, devido ao seu comportamento de rolar bolas de esterco, comparado ao movimento do sol. Já as abelhas (Apidae) aparecem no mito egípcio como manifestações das lágrimas do deus solar Rá, refletindo fertilidade e proteção. Na religião hindu, as abelhas são ligadas a Vishnu e Krishna, simbolizando preservação e renovação. Além disso, em outras culturas, como a grega, borboletas simbolizam a alma, conectando o mundo físico ao espiritual. Esses exemplos ilustram como os insetos transcendem seus papéis ecológicos e econômicos, servindo como símbolos poderosos de forças naturais e espirituais que continuam a influenciar práticas culturais contemporâneas, como a arte, a literatura e a conservação ambiental.

IX Colóquio de Zoologia Cultural

A Relação entre Insetos e Deuses da Mitologia

Autores: Jéssica Karina Mesquita
Vieira*; Matheus Carneiro
Heinzelmann**; João Pedro Ramos
Alves**; Kallebe Henrique Sousa Silva**

*,** UEG.



Escaravelhos no Egito Antigo



Associados ao deus Khepri. Simbolizavam o ciclo da vida, morte e renascimento.

<https://youtu.be/UxX6C-CYpl8?si=Ap4odgVzTUaQ2Sxu>

Considerações finais

- Insetos ultrapassam suas funções ecológicas.
- Tornam-se símbolos de forças naturais e espirituais.
- Influenciam a arte, a literatura e até a conservação ambiental na contemporaneidade.

EXPOSIÇÃO *SALTANDO ALÉM DO BREJO*: A ARTE COMO INSTRUMENTO DE POPULARIZAÇÃO DA(S) CIÊNCIA(S)

Joana Tostes^{1*}; Bernardo de La Vega²; Bruna Guarabyra¹; Ingrid R. Miguel¹ & Juliana Kirchmeyer¹

¹UFRJ; ²UNIRIO

*tostesjoana55@gmail.com

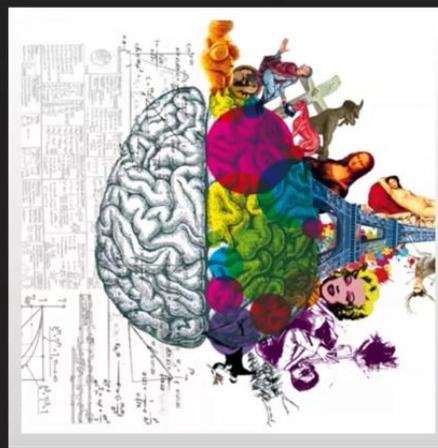
Palavras-chave: anfíbios; divulgação; exposição científica; ilustração científica.

Não é de hoje que a arte e a ciência andam juntas. A obra *HOMEM VITRUVIANO*, de Leonardo Da Vinci, criada na época renascentista, é um exemplo dessa junção. Estudos indicam que a arte auxilia no desenvolvimento da cognição e no aumento da capacidade de raciocínio, destacando a potencialidade da associação entre a ciência e a arte. Isso posto, a exposição *SALTANDO ALÉM DO BREJO: DESVENDANDO OS MITOS SOBRE ANFÍBIOS*, de autoria do Laboratório de Anfíbios e Répteis da UFRJ e da Gerência de Educação do Sesc RJ, é um convite para uma visão científica, cultural e artística sobre um grupo taxonômico marginalizado pelo público em geral: os anfíbios. As quatro ilustrações confeccionadas para a exposição, de autoria própria, foram priorizadas no lugar de fotografias de campo. Os painéis com ilustrações digitais, desenvolvidas através do software ADOBE PHOTOSHOP, representaram as ordens dos anfíbios e suas estruturas anatômicas principais. Adicionalmente, foram confeccionadas ilustrações representando histórias populares envolvendo os anfíbios, como o conto indígena das Guerreiras Icamiabas. Os vídeos interativos foram ilustrados com montagens na plataforma CANVA. Ao integrar o aspecto cultural a conhecimentos da ciência tradicional a partir de contos indígenas e crenças populares, buscamos apresentar conhecimentos etnocientíficos e desmistificar crenças sobre esses vertebrados. Portanto, realizamos a integração e representação de saberes acadêmicos e não-acadêmicos através de ilustrações. A partir disso, suavizamos seu caráter acadêmico, ilustramos de maneira visual conceitos e narrativas de maneira lúdica, e potencializamos uma sensação de reconhecimento pelo público.



EXPOSIÇÃO “SALTANDO ALÉM DO BREJO”: A ARTE COMO INSTRUMENTO DE POPULARIZAÇÃO DA(S) CIÊNCIA(S)

Autores: Joana Tostes,
Bernardo de La Vega, Bruna
Guarabyra, Ingrid R. Miguel e
Juliana Kirchmeyer



Ilustrações feitas no Canva:

- Plataforma do Canva
- Usadas para fazer ilustrações e vídeos

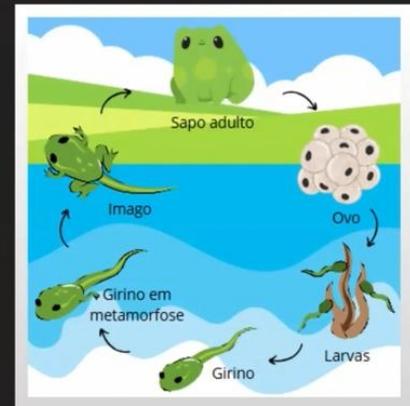
Como é feito a ilustração?

- Um slide é criado e são usado os próprios elementos fornecidos pela plataforma para montar a imagem.

Seção científica: painel explicando sobre o ciclo de vida dos anfíbios



Ciclo de vida dos anfíbios:



Diferentes fases do ciclo de vida dos anfíbios

https://youtu.be/H74jO_YNQWw?si=sqo9afdHvTqwhHpK

Saltando Além do Brejo

- Elementos interativos e artísticos.
- Integração de saberes acadêmicos e não-acadêmicos.
- Facilitação na absorção de conteúdo.
- 2.032 visitantes.



A LITERATURA EXPLICADA PELO VERME: CRIAÇÃO DE UM FANZINE DISCUTINDO LITERATURA E BIOLOGIA

Elen Corel*, Patrícia Santos; Guilherme Severino; Isabelly Silva & Elaine Batista Machado

UNESA

*elencorel2@gmail.com

Palavras-chave: biologia cultural; obras literárias; zoologia.

Fanzines científicos são publicações independentes e artesanais que combinam criatividade e ciência, promovendo a aprendizagem de forma acessível e instigante. Com base nesse conceito, foi criada AO VERME, um fanzine que une literatura e biologia, tendo como símbolo central a larva da *Calliphora vomitoria* (Diptera: Calliphoridae). Esse organismo desempenha o papel de um guia simbólico, conectando personagens literários às características biológicas de animais reais, ao mesmo tempo em que conduz o leitor a explorar associações entre ciência e arte. A fanzine foi estruturada em três edições: a primeira sendo clássicos da literatura brasileira, a segunda internacional e a terceira infantojuvenil. Nessas, foram analisados 14 animais em obras de 10 diferentes autores. Em tais análises, destaca-se como elementos do reino animal, cuidadosamente representados, enriquecem narrativas e revelam interpretações mais profundas das obras. Além do valor cultural e artístico das narrativas, a abordagem enfatiza o potencial da biologia como metáfora para os dilemas humanos e os processos da existência. Por exemplo, aspectos como a diversidade biológica e características comportamentais são abordados de forma a refletir as nuances emocionais e sociais dos personagens. Essa abordagem permite a fusão de saberes científicos e literários, demonstrando como a zoologia cultural pode ser uma ferramenta poderosa para expandir a compreensão do leitor sobre o mundo natural e suas conexões com a arte. O fanzine destaca a importância da interdisciplinaridade na divulgação científica, ao integrar as ciências naturais às humanidades de maneira criativa e instigante. Essa conexão entre ciência e arte transcende a transmissão de conhecimento, promovendo uma apreciação mais profunda da complexidade do mundo natural e ampliando a percepção sobre a condição humana.

A literatura explicada pelo verme: criação de um fanzine discutindo literatura e biologia



Elen Corel*
Patrícia Santos
Guilherme Severino
Isabelly Silva &
Elaine Batista Machado

*Elencorel2@gmail.com

personagem



Oi, eu sou a Calli, sou a larva da *Calliphora vomitoria*. no meu tempo livre eu gosto de ler e conhecer outros animais que existem pelos livros



https://youtu.be/_nebnGhN6LQ?si=leEic5ph71SuZPP8

O romance *Iracema* é repleto de simbolias e referências a animais. Um desses animais aparece na citação:
"Seu olhar era penetrante como o voo do gavião nos céus do Ceará."



O gavião, do gênero **Accipiter**, é um predador aéreo com garras afiadas e visão excepcional, avista presas a quilômetros de distância.

Essas aves de rapina controlam populações de pequenos mamíferos e répteis, sendo mestres dos céus. Em seus voos circulares, carregam a sabedoria das alturas e a precisão da caça.



página 4



SIMBOLOGIA DE SCARABAEIDAE NAS CULTURAS E SOCIEDADES AO LONGO DA HISTÓRIA

Matheus Carneiro Heinzelmann^{1*}; Ana Beatriz Cruz Silva²; Jéssica Karina Mesquita Vieira¹;
João Pedro Ramos Alves¹ & Kallebe Henrique Souza Silva³

¹UEG; ²UERJ

*matheuscarneiroh@gmail.com

Palavras-chave: besouros; escaravelhos; espiritualidade.

A família Scarabaeidae é composta pelos escaravelhos, besouros amplamente distribuídos ao redor do globo e reconhecidos por suas importantes funções biológicas, como a ciclagem de nutrientes e a dispersão de sementes. Além de sua relevância ambiental, esses insetos possuem uma rica história de interação com a humanidade, influenciando culturas e crenças ao longo do tempo. No Antigo Egito, o escaravelho sagrado (Coleoptera: Scarabaeidae) era um ícone espiritual, associado ao deus Khepri, que representava o sol nascente e a renovação, com grande simbolismo de renascimento, transformação e imortalidade. Amuletos em forma de escaravelho eram frequentemente enterrados com os mortos para garantir proteção espiritual e uma passagem segura para o pós-vida. Em algumas culturas indígenas mesoamericanas, esses besouros eram associados à fertilidade e à transformação, dado o seu comportamento coprófago e o papel que desempenham na reciclagem de matéria orgânica. Na Europa Medieval, no entanto, os escaravelhos eram considerados maus presságios, devido à sua relação com o esterco e à sua presença em locais escuros. A partir do Renascimento, os Scarabaeidae passaram a ser amplamente admirados e estudados por sua complexidade e ecologia. Essa valorização científica e cultural permanece até os dias atuais, sendo esses organismos frequentemente utilizados em manifestações artísticas, além de serem objeto de estudos que destacam sua relevância ecológica. Dessa maneira, os escaravelhos são um grande exemplo de como a natureza pode influenciar a humanidade de distintas formas em diferentes momentos, demonstrando que mesmo pequenos organismos podem ter um impacto profundo em nossa percepção do mundo e em nossa própria identidade cultural.

Simbologia de Scarabaeidae nas Culturas e Sociedades ao Longo da História

Matheus Carneiro Heinzelmann^{1*}; Ana Beatriz Cruz Silva²;
Jéssica Karina Mesquita Vieira³; João Pedro Ramos Alves³;
Kallebe Henrique Souza Silva³.

¹UEG *matheuscarneiroh@gmail.com; ²UERJ; ³UEG.

Família Scarabaeidae

- Diferentes hábitos alimentares;
- Serviços ecossistêmicos.



<https://youtu.be/pjvxQvvp3h8?si=JsaCFTf7qzkAeQQz>

Renascimento e Atualidade

- Estudos e admiração;
- Manifestações artísticas.



EVOLUÇÃO E HUMOR: MEMES COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NOS ESTUDOS SOBRE BIODIVERSIDADE

Rubens Lopes de Oliveira; Danilo Henrique Duarte Ferreira; Maria Luiza Caldas Bandeira; Pedro Crespo da Mota & Rosana Souza-Lima*

UERJ

*rosanasl@yahoo.com.br

Palavras-chave: divulgação; ensino; lúdico.

Ferramentas lúdicas são facilitadoras de processos de aprendizagem. Incentivando o estudo dos conceitos apresentados durante aulas sobre biodiversidade e evolução para licenciandos do primeiro período de Ciências Biológicas da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, 14 duplas de alunos foram solicitadas a elaborar dois memes sobre um dentre 14 temas listados, desde que ressaltassem conteúdo informativo e que imagens fossem *Creative Commons*, desenhos próprios ou elaboradas a partir de inteligência artificial (IA). Dos 28 alunos da disciplina, 13 duplas entregaram os memes, sendo que uma apresentou seis e outra apenas um - totalizando 29 memes. Dezesete aspectos sobre os memes foram avaliados pelos quatro monitores voluntários da disciplina. A pertinência de conteúdos foi considerada boa (62,1%) ou média (31%), sendo 6,9% ruim, tendo 44,8% sido considerados com bom poder de síntese na explicação. Boa parte dos personagens principais (82,8%) e 93,1% dos personagens secundários desses memes foram animais, sendo 27,6% e 41,4%, respectivamente, humanos, enquanto 17,2% e 10,3%, respectivamente, animais fantasiosos. Em 62,1% foram utilizadas fotos e 37,9% desenhos, 10,3% desses via IA. Foi considerado que 48,3% do humor nos memes analisados foi baseado na imagem e 51,7% na linguagem, sendo que apenas 3,4% dos memes usou neologismos. Foi realizada uma eleição dos três melhores memes, seguindo os critérios de "informativo", "engraçado" e "fácil de entender". Os alunos gostaram de realizar tal tarefa, mas relataram lidar com alguma insegurança, notando que foi necessário conhecer o conteúdo para elaborar uma proposta sucinta e bem focada. Conclui-se que 86,2% dos memes cumpriram a proposta combinada e que auxiliaram no processo de compreensão do tema.



FACULDADE DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES
UERJ

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UERJ

Evolução e humor: memes como ferramenta didática nos estudos sobre biodiversidade

Rubens Lopes de Oliveira
Danilo Henrique Duarte Ferreira
Maria Luiza Caldas Bandeira
Pedro Crespo da Mota
Rosana Souza-Lima*

Contato: rosanasl@yahoo.com.br

Créditos: Braun & Maesterini

evolução só por mutação e seleção natural

flutu genético ajudando a manter diversidade genética

Resultados:

Nessa atividade 2 dos 28 alunos não entregaram os memes, e uma das duplas entregou apenas um meme, enquanto outra dupla entregou 6 memes e o restante entregou 2 memes, totalizando 29 memes entregues.

Alguns dos memes:



Créditos: Goebel & Andrade



Créditos: Goebel & Andrade



Creditos: Albuquerque & Mantuano

https://youtu.be/bQnU_EYRwMc?si=T3vfIRTm0fTtCTMI

Conclusão:

Os memes foram mostrados em aula para que eles pudessem votar nos três melhores memes seguindo os critérios de mais informativo, engraçado e fácil de entender.

Entre os relatos sobre a atividade, os alunos disseram que gostaram e aprenderam com ela, mas sentiram insegurança, notando a necessidade de compreender o conteúdo para elaborar uma proposta sucinta e focada.

Por fim, 86,2% dos memes recebidos cumpriram a proposta combinada e que auxiliam na compreensão do tema escolhido.





UMA TARDE NO MEMORIAL DOS POVOS INDÍGENAS: UM POUCO SOBRE OS ANIMAIS DO PARQUE DO XINGU

Filipe Augusto Gonçalves de Melo

UESPI

filipe.melo@phb.uespi.br

Palavras-chave: contrabando; fauna nativa; Waujá; zoomorfismo.

Localizado em Brasília, Distrito Federal, em frente ao Memorial JK, o Memorial dos Povos Indígenas é um museu, centro cultural e instituição de pesquisa brasileiro, dedicado à cultura dos povos originários do Brasil. O mesmo possui exposição permanente intitulada MAIS DE 12 MIL ANOS NESTA TERRA e abriga artefatos de valor artístico, cultural e sociológico provenientes de várias etnias de nosso país. Muitos dos objetos expostos foram apreendidos em operações da Polícia Federal em combate ao contrabando internacional de artesanato indígena. Quem adentra o salão em formato de anel, disposto em torno de um pátio redondo, tem a impressão de estar dentro de uma aldeia. Logo à esquerda tem a oportunidade de contemplar artefatos esculpido em argila na forma estilizada de animais com grafismos, todos protegidos por vidro. Em uma visita realizada em 20 de julho de 2024 fiquei curioso com as formas animais ali representadas e pensei em divulgar a respeito das mesmas. O objetivo deste trabalho é identificar que espécies estão representadas nas 18 peças artesanais produzidas pela etnia Waujá, que reside no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso. Na data da visita foram realizadas fotos dessas esculturas zoomorfas para identificação com uso de literatura especializada até a menor categoria taxonômica possível. A função local dessas peças está relacionada ao mágico, às brincadeiras e ao comércio. Estão ali representadas algumas espécies de vertebrados, dentre as quais: raia de água doce (Chondrichthyes: Potamotrygonidae), sapos (Amphibia: Anura), jaboti (Testudines: Cryptodira), tamanduá (Mammalia: Pilosa), tatu (Mammalia: Cingulata), capivara (Mammalia: Rodentia), gato-do-mato (Mammalia: Felidae) e um pássaro (Aves).

Uma tarde no Memorial dos Povos Indígenas:
um pouco sobre os animais do Parque do
Xingu

Filipe Augusto Gonçalves de Melo

E-mail: filipe.melo@phb.uespi.br

Localizado em Brasília, Distrito Federal, em frente ao Memorial JK, o Memorial dos Povos Indígenas é um museu, centro cultural e instituição de pesquisa brasileiro, dedicado à cultura dos povos originários do Brasil. O mesmo possui exposição permanente intitulada MAIS DE 12 MIL ANOS NESTA TERRA e abriga artefatos de valor artístico, cultural e sociológico provenientes de várias etnias de nosso país.

Memorial dos Povos Indígenas
 Projetado por Oscar Niemeyer (1907-2012) em 1962 e aberto ao público em 16 de abril de 1969. Possui planta circular, volume compacto e se desenvolve em torno de um pátio interno coberto por uma laje côncava em balanço. Os espaços expositivos se abrem para um grande terraço livre, inspirado nas aldeias dos índios Yanomami, onde são realizadas apresentações e rituais. Possui acervo com peças representativas de várias nações indígenas, e tem objetos doados por antropólogos como Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro e Eduardo Galvão, reunidos entre 1948 e 1969.

Indians Memorial
 Designed by Oscar Niemeyer (1907-2012) in 1962 and opened on April 16th, 1969. It has a circular plan with a compact volume developing around a central courtyard, covered with a cantilevered concave roof slab. The exhibit galleries open into a large, open yard, inspired by the organization of Yanomami Indian villages. It holds a collection with significant objects from several Indian nations, as well as objects donated by anthropologists such as Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro, and Eduardo Galvão, collected between 1948 and 1969.

Memorial de los Pueblos Indígenas
 Diseñado por Oscar Niemeyer (1907-2012) en 1962 fue abierto al público el 16 de abril de 1969. Tiene planta circular, póvolum compacto y se desarrolla alrededor de un patio interno cubierto por una losa cóncava en voladizo. Los espacios para exposiciones se abren para un gran espacio de tierra, inspirado en las aldeas de los indios Yanomami. Tiene un acervo con piezas representativas de varias naciones indígenas, también tiene objetos donados por antropólogos como Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro y Eduardo Galvão, reunidos entre 1948 y 1969.

Brasília, Patrimônio Mundial

02:24

<https://youtu.be/DhWfFQfoCRI?si=LRsJKzI6kRs2eQBZ>

Tamanduá?

Myrmecophaga tridactyla (Linnaeus, 1758)



Fonte: <https://www.masploja.org.br/bicho-de-ceramica-povo-indigena-wauja>

O VELHO MOINHO E SUAS REPRESENTAÇÕES DA VIDA SELVAGEM

Ana Beatriz Cruz da Silva^{1*} & Matheus Carneiro Heinzelmann²

¹UERJ; ²UEG

*anabeatrizcruz21@gmail.com

Palavras-chave: antropização; biodiversidade; comportamento.

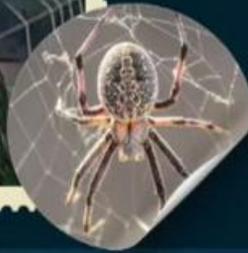
A animação O VELHO MOINHO (1937) integra a série de curtas-metragens SILLY SYMPHONIES, da Disney, que reúne histórias de enredos simples e sem diálogos, dotados de uma rica e sensível composição visual e musical. A narrativa se desenvolve ao redor de uma comunidade de animais que encontra abrigo num antigo moinho abandonado. A trama ganha intensidade quando uma violenta tempestade irrompe em seu habitat e exhibe como cada animal lida com a ameaça causada pela chuva torrencial e pelos ventos fortes. A diversidade da fauna representada na história inclui, cronologicamente, aranhas (Araneae), patos (Anseriformes), vacas (Artiodactyla), passarinhos (Passeriformes), minhocas (Oligochaeta), ratos (Rodentia), rolinhas (Columbiformes), corujas (Strigiformes), morcegos (Chiroptera), rãs (Anura), grilos (Orthoptera) e vagalumes (Coleoptera). Apesar do impacto antrópico gerado pela presença do moinho, após seu abandono muitos animais se adaptaram às novas condições, estabelecendo seus habitats na estrutura da construção e seu entorno. Ademais, diversos comportamentos animais foram identificados ao longo do curta: a armação de teias pelas aranhas para abrigo e captura de presas; o comportamento dos patos de nadar em fileira para economizar energia, aproveitando o impulso das ondas geradas por sua mãe e irmãos à frente; o cuidado parental dos pássaros com sua prole; as bicadas entre o casal de rolinhas, num sinal de acasalamento; o instinto dos quirópteros de habitar locais escuros e onde possam manter uma postura pendurada que facilite o alçar do voo; o hábito alimentar das rãs ao capturar vagalumes; a bioluminescência dos vagalumes, utilizada para localizar parceiros para reprodução. O VELHO MOINHO destaca a complexidade das relações ecológicas e das adaptações comportamentais desenvolvidas por alguns animais para se ajustarem às mudanças ambientais num habitat antropizado.



“O Velho Moinho” e suas representações da vida selvagem

Ana Beatriz Cruz da Silva¹ & Matheus Carneiro Heinzelmann²
¹UERJ & ²UEG
*anabeatrizcruz21@gmail.com

Aranhas (Araneae)



Produção de seda

As teias das aranhas auxiliam na captura de presas, servem como abrigo e como invólucro para os seus ovos.

https://youtu.be/-qIVluxcfGc?si=tC0seQCT778_tZxR

Rãs (Anura)



Predação

Rã lança sua língua pegajosa contra um vaga-lume, capturando-o no ar para sua alimentação.

AMEBAS: HERÓIS OU VILÕES NO MUNDO IMAGINÁRIO?

Lorena de Melo Schaefer*; Larissa Souza Monteiro; Karen Helena dos Santos Costa; Manoela dos Santos Moreira; Viviane Bernardes dos Santos Miranda & Christina Wyss Castelo Branco

UNIRIO

*demelosca@edu.unirio.br

Palavra-chave: divulgação científica; ficção; tecameba.

Por meio de manifestações culturais, pode-se observar e avaliar o modo como a humanidade interpreta a vida, uma vez que ela é a fonte de inspiração para muitas criações. As amebas são também representação dessa inspiração. Por exemplo, no desenho animado *AS MENINAS SUPERPODEROSAS* (1998), emitido pela CARTOON NETWORK, o Trio Ameba é um grupo de vilões “desastrado” e “subdesenvolvido para traçar um crime que vale a pena”, além de serem “as formas de vida mais baixas da cidade”. Tal discurso exemplifica de forma precisa a interpretação que a sociedade tem a respeito de vidas microscópicas, principalmente protozoários. Em adição, há um episódio em que as personagens são responsáveis por transmitir uma doença para a cidade inteira, o que não foge do conhecimento de que amebas nuas, como o trio, podem ser causadoras de doenças, sendo o meio mais conhecido o parasitismo. Em contrapartida, temos o caso da espécie *Arcella gandalfi* (Arcellidae), uma espécie descrita em homenagem ao bruxo Gandalf do universo de *O SENHOR DOS ANÉIS*, escrito por J.R.R. Tolkien. Essa ameba testácea, ou seja, possuidora de teca, foi descrita e nomeada devido à sua aparente semelhança ao chapéu do bruxo. Por se tratar de um animal de vida livre, é incapaz de se tornar um agente patológico, o que torna a inspiração para seu nome mais interessante, já que a personagem se trata de um herói. Diferentemente, a representação criada para as amebas capazes de se tornarem agentes causadores de doenças é a de vilões, caso do Trio Ameba.

Amebas: Heróis ou Vilões no Mundo Imaginário?

Lorena de Melo Schaefer
demeloschaef@edu.unirio.br



Tecalajes
@tecalajes
tecamebas.ribeiraolajes@gmail.com





https://youtu.be/-MC6TYTxCtl?si=t7Luj5ph6_qjdf3c



fonte: <https://arcella.nl/arcella-gandalfi/>



ACHERONTIA ATROPOS: ENTRE O MISTICISMO DA MORTE E O SÍMBOLO DA TRANSFORMAÇÃO

Ana Beatriz Cruz da Silva^{1*} & Matheus Carneiro Heinzelmann²

¹UERJ; ²UEG

*anabeatrizcruz21@gmail.com

Palavras-chave: mariposa da morte; simbologia; Sphingidae.

Ao longo dos séculos, diferentes culturas atribuíram aos animais não apenas o papel de seres vivos coabitantes do mundo natural, mas também de intermediários entre o mundano e o divino. Esses seres muitas vezes transcendiam o seu papel físico para se tornarem representações de conceitos abstratos como transformação, proteção, sabedoria e, até mesmo, dos mistérios envolvendo o desconhecido e a morte. *Acherontia atropos* (Lepidoptera: Sphingidae) é uma mariposa-falcão de hábito noturno nativa da África. Seu nome deriva do grego *Acheronte*, o rio do mundo dos mortos, no qual encontrava-se Caronte, o barqueiro das almas, segundo a Mitologia Grega. O epíteto específico *atropos* faz referência à mais velha das três Moiras, responsável por cortar o fio da vida dos mortais. Com sua combinação de tons escuros e terrosos e, especialmente, pelo padrão na porção dorsal do tórax que lembra um crânio humano, esse lepidóptero tornou-se envolto em um rico misticismo, ganhando o nome popular de “mariposa da morte”. Sua simbologia marcou presença na cultura popular em aparições como na capa e em parte da narrativa do romance *AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE*, de José Saramago; na capa do conto *THE SPHINX*, de Edgar Allan Poe; no livro *DRÁCULA*, de Bram Stoker, no qual as mariposas eram enviadas pelo próprio Conde para que Renfield, seu servo, pudesse se alimentar; no filme *O SILÊNCIO DOS INOCENTES*, como “assinatura” do assassino em série Buffalo Bill. Dessa forma, *Acherontia atropos* transcende sua identidade biológica para se consolidar como um ícone místico nas mais diversas manifestações culturais, passando a carregar a dualidade entre a vida e a morte, o mistério e a transformação.



**ACHERONTIA ATROPOS:
ENTRE O MISTICISMO DA MORTE E
O SÍMBOLO DA TRANSFORMAÇÃO**

Ana Beatriz Cruz da Silva¹ &
Matheus Carneiro Heinzelmann²
¹UERJ & ²UEG
*anabeatrizcruz21@gmail.com



ACHERONTIA ATROPOS

Lepidoptera: Sphingidae



9 - 13 cm

Nativa da África;

Hábito noturno;

Sons característicos;

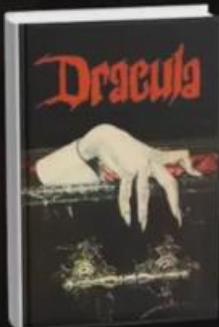
Adultas fortemente atraídas pelo mel;

Lagartas se alimentam das plantas de oliveira e de solanáceas.



<https://youtu.be/luRcVc0pL-s?si=OUSt2c0It8hxFp1->

CULTURA POPULAR



Em "Drácula", de Bram Stoker, as Mariposas da Morte são enviadas pelo Conde para que Renfield, seu servo, se alimentasse;



Em "O Silêncio dos Inocentes", *Acherontia atropos* é a "assinatura" do assassino em série "Buffalo Bill".



OS PREDADORES DE GOTHAM: A FAUNA VILANESCA DO CAVALEIRO DAS TREVAS

Ana Beatriz Cruz da Silva^{1*} & Matheus Carneiro Heinzemann²

¹UERJ; ²UEG

*anabeatrizcruz21@gmail.com

Palavras-chave: Batman; cadeia alimentar; super-heróis.

A figura de Bruce Wayne é amplamente reconhecida, sendo muitas vezes referida como o alter ego do Cavaleiro das Trevas. O bilionário filantropo atua como uma fachada frente à verdadeira essência de Bruce: o Batman. A fictícia cidade de Gotham sustenta essa personalidade heroica, pois impulsiona o seu senso de justiça com um panorama caótico de criminalidade, corrupção e violência. Para criar um símbolo que fosse temido por aqueles que promovem esse cenário, Bruce Wayne se inspirou no seu medo de morcegos (Chiroptera) ao desenvolver a persona do Batman. Alguns vilões também encontraram nos animais uma simbologia, seja gerada pela identificação e apreço por uma espécie ou por essa refletir seus hábitos e aparência. A anti-heroína Mulher-Gato é uma ladra associada com felinos domésticos e até mesmo de grande porte (Carnivora: Felidae), ressaltando seu comportamento furtivo e feroz; o Morcego Humano é um cientista que estuda quirópteros e desenvolve um soro capaz de dar aos humanos as habilidades de audição, visão e voo dessas criaturas, utilizando-o para o crime; o Pinguim é um mafioso amante de aves que frequentemente utiliza pinguins (Sphenisciformes: Spheniscidae) em seus crimes, além de possuir a aparência semelhante a esses animais; o Crocodilo (Crocodylia: Crocodylidae) é um criminoso ambicioso que recebe esse nome por sua personalidade bestial e aparência reptiliana. A predileção por predadores como base simbólica para muitos vilões reflete a associação humana entre esses animais e características como força, ferocidade, domínio e perigo. A posição dos predadores no topo da cadeia alimentar reforça a ameaça que esses personagens buscam representar para a cidade de Gotham.



**OS PREDADORES DE GOTHAM:
A FAUNA VILANESCA DO CAVALEIRO DAS TREVAS**

Ana Beatriz Cruz da Silva¹ & Matheus Carneiro²
¹UERJ & ²UEG
anabeatrizcruz21@gmail.com



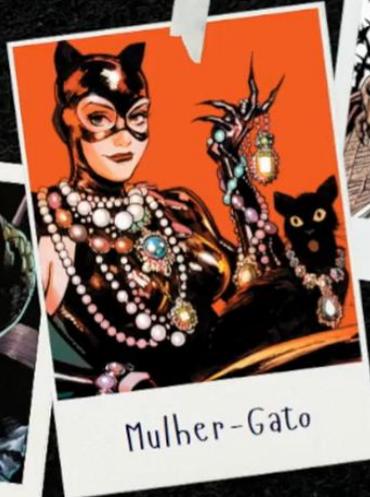
OS VILÕES DO CAVALEIRO DAS TREVAS



Pinguim



Crocodilo



Mulher-Gato



Morcego Humano



<https://youtu.be/jv8KIWa8-0s?si=EH-78kSHLkMhX6q>

CROCODILO

CROCODILIA: CROCODYLIDAE



Waylon Jones



Criminoso ambicioso;
Possui condição rara
que torna sua pele
recoberta por escamas;
Personalidade bestial e
aparência reptiliana.





A ORNITOFAUNA CANTADA EM POESIA, NA CANÇÃO “PASSAREDO”, DE CHICO BUARQUE

Arlindo Serpa Filho*; Yuri Mentor de Mattos Rocha Bittencourt & Matheus Vilalva Bom

FAMATH

*serpafilhoa5@gmail.com

Palavras-chave: arte e ciência; composição musical; Passeriformes.

A relação que se quer estabelecer entre a sociedade e a natureza ainda não é bem clara. É preciso que haja a interação pessoa-natureza com o intuito de despertar uma conexão, interesse e inspiração pelo meio ambiente. A música “Passaredo”, de autoria de Chico Buarque, faz uso da metáfora dos pássaros para formular uma crítica social e ecológica. A letra, cheia de nomes de aves do Brasil, estabelece um clima de urgência e advertência, com os pássaros sendo notificados da chegada do “homem”, a reiteração do alerta, insinuando uma ameaça iminente e pode ser vista como uma metáfora sobre a destruição da biodiversidade e a necessidade de preservação. Soa como meio de protesto, explicitando o dano causado pelo homem à natureza e, conseqüentemente, às aves em geral. Os pássaros destacam-se por ser um grupo de aves, sendo essa denominação dada às que pertencem à ordem Passeriformes. Essa ordem é um grupo que se destaca por englobar o maior número de espécie da classe Aves. Foi possível identificar 36 citações de aves na canção e que foram classificadas em nível das seguintes famílias: Alcedinidae (1); Alaudidae (1); Anatidae (1); Caprimulgidae (2); Charadriidae (2); Columbidae (3); Cuculidae (1); Emberizidae (2); Falconidae (1); Fringillidae (2); Hirundinidae (1); Muscicapidae (1); Paridae (1); Passeridae (1); Pipridae/Troglodytidae (1); Psittacidae (1); Thraupidae (7); Tinamidae (2); Trochilidae (1); Turdidae (2); Tyrannidae (2). Espera-se com este trabalho produzir modificações no aprendizado da ornitologia, pelo viés da arte e ciência, o que demandará e induzirá novos conceitos de avaliação no que diz respeito aos recursos didáticos, lúdicos e étnico-científicos em espaços formais e não formais.



A ORNITOFAUNA CANTADA EM POESIA, NA CANÇÃO PASSAREDO, DE CHICO BUARQUE.



Arlindo Serpa Filho - FAMATH
Yuri Mentor de Mattos Rocha Bittencourt - FAMATH
Matheus Vilalva Bon - FAMATH
serpafilhoa5@gmail.com






https://p2.trrsf.com/image/fget/cf/774/0/images/terra.com/2022/06/20/829113679-7c05988-chico-buarque.jpg



https://imgapp2.correiobraziliense.com.br/app/noticia_12798324261/2017/11/26/643304/201711241831043284071.jpg



PASSAREDO

Compositores: Chico Buarque & Francis Hime

Ei, pintassilgo	Que o homem vem aí
Oi, pintaroxo	O homem vem aí
Melro, uirapuru	O homem vem aí
Ai, chega-e-vira	Ei, quero-quero
Engole-vento	Oi, tico-tico
Sáira, inhambu	Anum, pardal, chapim
Foge asa-branca	Xô, cotovia
Vai, patativa	Xô, ave-fria
Tordo, tuju, tuim	Xô, pescador-martim
Xô, tié-sangue	Some, rolinha
Xô, tié-fogo	Anda, andorinha
Xô, rouxinol sem fim	Te esconde, bem-te-vi
Some, coleiro	Voa, bicudo
Anda, trigueiro	Voa, sanhaço
Te esconde colibri	Vai, juriti
Voa, macuco	Bico calado
Voa, viúva	Muito cuidado
Utiariti	Que o homem vem aí
Bico calado	O homem vem aí
Toma cuidado	O homem vem aí

Foi possível identificar 36 citações de aves na canção, em nível de famílias.



- :Alcedinidae
- Alaudidae (1);
- Anatidae (1);
- Caprimulgidae (2);
- Charadriidae (2);
- Columbidae (3);
- Cuculidae (1);
- Emberizidae (2);
- Falconidae (1);
- Fringillidae (2);
- Hirundinidae (1);
- Muscicapidae (1);
- Paridae (1);
- Passeridae (1);
- Pipridae/Troglodytidae (1);
- Psittacidae (1);
- Thraupidae (7);
- Tinamidae (2);
- Trochilidae (1);
- Turdidae (2);
- Tyrannidae (2).



Arindo Serpa Filho

https://youtu.be/6jr-ivoAA_Q?si=ts-1jd43kqsGMVSt

A letra, cheia de nomes de aves do Brasil, estabelece um clima de urgência e advertência, com os pássaros sendo notificados da chegada do "homem", a reiteração do alerta, insinuando uma ameaça iminente e pode ser vista como uma metáfora sobre a destruição da biodiversidade e a necessidade de preservação.

Espera-se com este trabalho produzir modificações no aprendizado da ornitologia, pelo viés da arte e ciência, o que demandará e induzirá novos conceitos de avaliação no que diz respeito aos recursos didáticos, lúdicos e étnico-científicos em espaços formais e não formais.



Arindo Serpa Filho

A VIDA DOS ARTRÓPODES NA VISÃO DE *EMPIRE OF THE ANTS*

Ismael de Jesus Henrique* & Arthur Henrique da Silva Amêndola

UNIRIO

*ismaelhenrique@edu.unirio.br

Palavras-chave: Hymenoptera; invertebrados; jogo eletrônico.

EMPIRE OF THE ANTS foi lançado no ano de 2024 pela desenvolvedora de jogos Microids e pelo estúdio Tower Five, sendo um jogo eletrônico de estratégia imersivo em tempo real baseado no controle de um império de formigas. Esse jogo recebeu inspiração e uma forte adaptação do romance *EMPIRE OF THE ANTS* (*LES FOURMIS* em idioma original), de Bernard Werber, lançado em 1991. A partir da inspiração no romance, os desenvolvedores buscaram imergir os leitores e amantes da natureza em uma experiência de simulação no controle de formigas (Hymenoptera: Formicidae) a fim de estabelecer um império, ambientado em uma floresta próxima a Paris, França. Além disso, o jogo objetiva aproximar o crescente público interessado pela biodiversidade e sua preservação, ao colocar o jogador no controle de pequenos artrópodes e demais animais presentes ao longo da jogatina, retratando também como a vida desses seres funciona e se relaciona em um universo que passa despercebido para a maioria dos seres humanos. Logo, ao analisar essa representação eletrônica, é possível estudar as referências e as manifestações culturais sobre a presença desses animais inseridos em seu contexto, principalmente através da zoologia cultural – ciência que estuda a presença dos elementos zoológicos em manifestações artísticas – que possibilita a análise de todos os elementos naturais retratados durante a história do jogo. Durante o jogo, as formigas recrutam indivíduos de diferentes ordens, o que demonstra uma série de interações com diversos organismos distintos com habilidades e capacidades únicas, sendo essa uma representação da biodiversidade dentro do jogo.



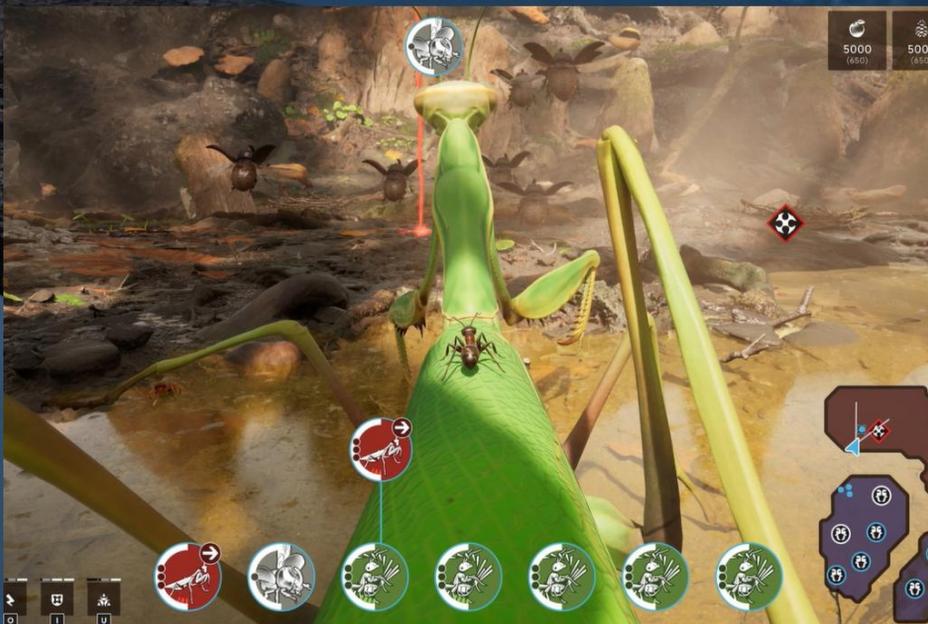


Arthur Henrique da Silva Amêndola
aluno de graduação
pela UNIRIO

Ismael de Jesus Henrique
aluno de graduação
pela UNIRIO

https://youtu.be/tu2wVFnMd8g?si=EE9OzNCDVvhqXUC_

ORDEM: MANTODEA



Fonte das imagens :<https://steamcommunity.com/app/2287330/screenshots/?p=1&browsefilter=toprated>

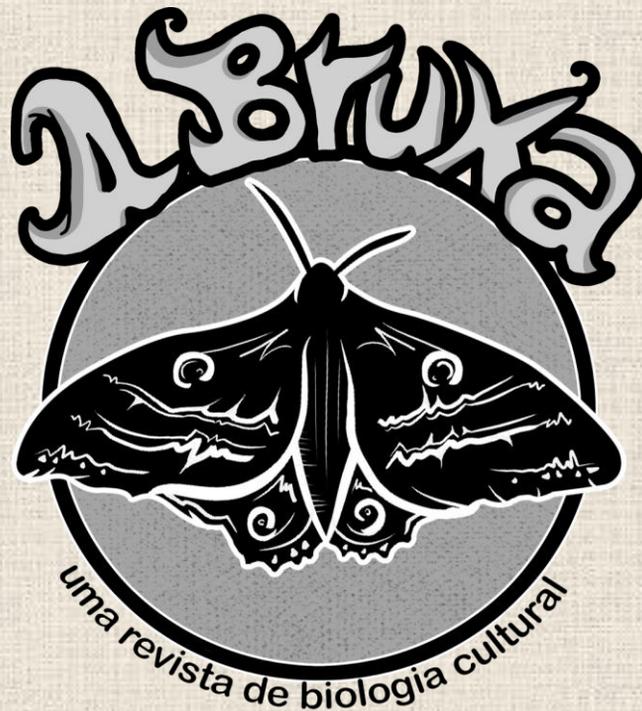


Nossa gratidão, autoras(es)



“VEJO BICHOS EM TODA PARTE”

Publicado em:



30 de dezembro de 2024

Citação:

COELHO, L.B.N. & DA-SILVA, E.R. (ed.). 2023.
IX Colóquio de Zoologia Cultural. Livro do evento -
vol. 2: Abertura e temas livres.
A Bruxa 8 (especial 3): 1-83.